

Entre Sonhos e Saberes

**O GINÁSIO MUNICIPAL E A
JUVENTUDE FORTALEZENSE
(1949-1971)**

ERBENIA MARIA GIRÃO RICARTE

**EDIÇÕES
INESP**



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Entre Sonhos e Saberes

**O GINÁSIO MUNICIPAL E A
JUVENTUDE FORTALEZENSE
(1949-1971)**

ERBENIA MARIA GIRÃO RICARTE

Entre Sonhos e Saberes

**O GINÁSIO MUNICIPAL E A
JUVENTUDE FORTALEZENSE**

(1949-1971)

INESP

Fortaleza – Ceará

2025

Copyright © 2025 by Inesp

**Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp**

João Milton Cunha de Miranda

Coordenador Editorial

Rachel Garcia Bastos de Araújo

Valquiria Moreira Carlos

Assistentes Editoriais

Luzia Leda Batista Rolim

Assessora de Comunicação

Gustavo Rodrigues de Vasconcelos

Revisor Ortográfico

José Gotardo de Paula Freire Filho

Capista, Diagramador e Projetista Gráfico

Luiz Ernandes dos Santos do Carmo

Coordenador de Impressão

Gráfica do Inesp

Impressão e Acabamento

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado por Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

R487e Ricarte, Erbenia Maria Girão.

Entre sonhos e saberes [livro eletrônico]: o ginásio municipal e a
juventude fortalezense (1949-1971) / Erbenia Maria Girão Ricarte. –
Fortaleza: INESP, 2025.

161 p. : il. color. ; 5.066 KB ; PDF

Inclui anexo com fotografias.

ISBN: 978-65-6094-079-6

1. História da educação – Fortaleza (CE). 2. Ginásio Municipal –
História. 3. Colégio Filgueiras Lima – História. I. Ceará. Assembleia
Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento
do Estado. II. Título.

CDD 370

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674, Anexo II, 5º andar,

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará,

bairro: Dionísio Torres, Fortaleza - CE, CEP: 60.170-174.

Telefone: (85) 3277-3702. | E-mail: inesp@al.ce.gov.br

Site: <https://www.al.ce.gov.br/paginas/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp>

DEDICATÓRIA

À Vanessa e Letícia, minhas filhas;
Clara, Izabel e Marinês, minhas irmãs;
Estelmo, meu irmão (*in memoriam*);
Joaquim Ernesto, meu companheiro;
Raimundo Milton e Maria Augusta,
meus pais (*in memoriam*).

HOMENAGEM ESPECIAL

Ao professor Edivar Ramos e sua família, aqui representada pela sua filha e professora Blima Barros

Professor Edivar (*in memoriam*), que será sempre lembrado por mim, pela recepção em sua residência por algumas vezes, pelas conversas, risadas, lanches, lembranças e pelo tempo dedicado a mim com tanto saudosismo, entusiasmo e paixão pela história do Ginásio Municipal de Fortaleza. Dedico este livro a você, que foi um apaixonado pelo Colégio Filgueiras Lima, outrora Ginásio Municipal de Fortaleza. Com certeza, uma das maiores representatividade e voz que contribuiu com entusiasmo, afincos e coragem pela manutenção, história e memória dessa Instituição.

Minha eterna gratidão.

As vozes dessa pesquisa

Obrigada Professor Edivar (*in memoriam*), que não resistiu ao tempo desse meu traba-

lho. Obrigada as ex alunas, Eluzai Freire, pelo rico material, Arianísia Firmeza (Arizinha), Cizânia Veras, Janet Girão e Jacques Antunes, por me oportunizarem escutá-los e conhecer por meio de vocês um pouco dessa história.

Dedico a vocês esse livro.

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”

Paulo Freire

APRESENTAÇÃO

A democracia não é um estado de maturidade nacional e institucional que se instala, e se preserva pela sua própria natureza, sem que precisemos nos manter vigilantes a fim de combater ataques e construí-la cotidianamente.

E como as gerações mudam, os jovens de hoje precisam aprender com os jovens de ontem que o Parlamento é a expressão mais fiel do poder democrático da população. Os debates, os perfis dos e das parlamentares, as leis produzidas, são resultados do que somos na nossa essência.

Manifesto gratidão aos meus pares, cujos votos me colocaram à frente do Legislativo cearense exatamente nesta celebração de 190 anos do Parlamento. Celebração que é o resultado da continuidade de um processo democrático iniciado em 1835, e é cheio de ranhuras, a exemplo de ditaduras, golpes, uma cruel pandemia, e o doloroso incêndio do Plenário 13 de Maio – o coração dos nossos mandatos. Ranhuras que vamos enfrentando, resistindo e nos reconstruindo com bravura.

Não somos mais a Província do Ceará. Contudo, não podemos esquecer, foi lá que

o senador José Martiniano de Alencar plantou a semente da casa em que agora podemos ver germinar uma comissão temática dos direitos e defesas da mulher cearense – um marco moderno e necessário.

Portanto, com firmeza, gentileza, educação e ternura, respeitamos o passado, para construir um futuro melhor. A assembleia que chega aos 190 anos como uma das mais transparentes do país deverá trabalhar para ser a mais transparente do Brasil.

Porque nosso passado e nosso futuro é ousar. O Ceará, que é referência na educação brasileira, não vê fronteiras como barreiras, mas sim como desafios a serem superados. E seguiremos em frente. Tenham certeza.

Dep. Estadual Romeu Aldigueri

Presidente da Assembleia
Legislativa do Estado do Ceará

PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o Edições Inesp e o Edições Inesp Digital, que têm como objetivos editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados. O Edições Inesp Digital obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de design gráfico.

O Edições Inesp Digital já se consolidou. A demanda por suas publicações alcançou uma marca de 5 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente inte-

resse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

Entre Sonhos e Saberes – O Ginásio Municipal e a Juventude Fortalezense (1949-1971) é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do Edições Inesp Digital, que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo do Inesp

PRÓLOGO

A história da educação no Ceará reflete o compromisso político de ampliar o acesso à educação básica e secundária para toda a população. A criação de instituições como o Ginásio Municipal de Fortaleza exemplifica o esforço do poder público em atender às necessidades educacionais de comunidades anteriormente desassistidas. Essas iniciativas não só contribuem para o desenvolvimento educacional do estado, mas também promovem a inclusão social e a igualdade de oportunidades, demonstrando a importância da educação como um direito fundamental e um instrumento de transformação social.

O Ginásio Municipal de Fortaleza nasceu de uma ação do poder público para proporcionar educação de nível secundário a uma parcela da população fortalezense desassistida dessa modalidade escolar, na primeira metade do século XX.

É com grande entusiasmo que apresento *Entre Sonhos e Saberes – O Ginásio Municipal e a Juventude Fortalezense (1949-1971)*, uma obra que mergulha profundamente na história educacional de Fortaleza e na vida de seus jovens durante um período de sig-

nificativa transformação social e cultural.

Este livro se dedica a explorar a trajetória do Ginásio Municipal de Fortaleza, fundado pela Lei Municipal nº 140, de 1º de abril de 1949, e inaugurado em 2 de maio de 1951. A partir de uma análise detalhada, a autora nos conduz através das origens desta instituição pioneira, destacando seu papel crucial na formação de uma nova geração de fortalezenses.

A obra examina o contexto histórico da época, oferecendo uma visão abrangente de Fortaleza nos anos 1940 e 1950, período marcado por profundas mudanças sociais e econômicas. A criação do Ginásio Municipal é apresentada como uma resposta a essas necessidades, refletindo o empenho da comunidade e das autoridades em melhorar o sistema educacional local.

Ao explorar as origens do Ginásio Municipal, a obra revela como a educação foi um catalisador crucial para o desenvolvimento social e cultural de Fortaleza. A análise detalhada dos contextos político e social, combinada com os testemunhos de quem viveu essa trajetória, proporciona uma compreensão profunda do impacto da instituição na vida de seus alunos e na comunidade em geral.

A evolução do Ginásio Municipal, que em 1963 foi elevado à categoria de Colégio Municipal e, em 1966, passou a se chamar Colégio Filgueiras Lima em homenagem ao renomado escritor e poeta cearense, é abordada com detalhes meticulosos. Essas transformações são analisadas não apenas sob a perspectiva administrativa, mas também em termos de impacto na comunidade escolar e na juventude.

O livro também destaca as vozes daqueles que viveram o Ginásio Municipal, trazendo à tona testemunhos do primeiro diretor, ex-alunos, professores e funcionários. Essas memórias enriquecem a narrativa, proporcionando uma visão pessoal e íntima da vida ginásial e do impacto que teve na formação e no futuro dos jovens que ali estudaram. A narrativa nos oferece um panorama fascinante da história educacional de Fortaleza, destacando a importância daquela instituição escolar como um pilar fundamental na formação de gerações de jovens fortalezenses. Esta obra não é apenas um registro histórico, mas uma rica tapeçaria de memórias e transformações que moldaram a educação e a sociedade local durante um período de grandes mudanças, na segunda metade do século XX.

As histórias e experiências compartilhadas neste livro ressaltam a importância da educação não apenas como um meio de transmissão de conhecimento, mas como um espaço de sonhos e aspirações, onde jovens de diferentes origens encontraram oportunidades para crescer e transformar suas vidas. O Ginásio Municipal se destaca como um símbolo de esperança e progresso, refletindo as mudanças e os desafios enfrentados pela sociedade fortalezense ao longo dessas décadas.

Entre Sonhos e Saberes é mais do que um relato histórico; é uma reflexão sobre o papel da educação na construção de identidades e no desenvolvimento social. Através de uma pesquisa cuidadosa e de uma narrativa envolvente, o autor oferece uma contribuição valiosa para o entendimento da história educacional de Fortaleza e do Brasil.

Convido o público leitor a mergulhar nesta leitura e a explorar as histórias e legados que moldaram a juventude fortalezense durante uma época de grandes transformações econômicas, políticas e culturais, na segunda metade do século XX. Este livro não apenas preserva a memória de uma instituição escolar importante para o cenário da cultura cearense, mas também ressig-

nifica nosso passado escolar para as novas gerações, promovendo o entendimento da luta pela efetivação do direito educacional no nosso estado. Ao refletirmos sobre essas narrativas, podemos apreciar o impacto duradouro da educação e reconhecer os esforços contínuos para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Prof. D. Francisco Ari de Andrade
Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
1 FORTALEZA NO CONTEXTO DA CRIAÇÃO DO GINÁSIO MUNICIPAL ...	35
2 VOZES DE QUEM VIVEU O GINÁSIO ...	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
ANEXO – FOTOS	139
REFERÊNCIAS	151

INTRODUÇÃO

É na memória que se encontra o ponto de articulação entre o passado e o presente, entre a história individual e a coletiva, os relatos pessoais disponíveis e as várias interpretações. O Ginásio Municipal de Fortaleza, hoje Escola Municipal de Tempo Integral Filgueiras Lima, nasce, em um período de efervescência da política educacional brasileira, em meio às campanhas realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, bem como numa volta ao Manifesto dos Pioneiros da Educação, onde o apelo era um ensino para todos, propiciado pela “Política do Estado Novo”.

Nessa conjuntura, se inaugurava o Ginásio Municipal de Fortaleza, através da Lei Municipal nº 140 de 1º de abril de 1949, de autoria do vereador João Ramos de Vasconcelos César, com suas atividades iniciando em 02 de Maio de 1951. Em 1963 através da Lei Municipal nº 2121 foi elevado à categoria de Colégio Municipal de Fortaleza. Em 1966, recebeu o nome de Colégio Filgueiras Lima, homenageando o escritor e poeta cearense que havia falecido um ano antes.

Conforme Vieira (1905), no início do Século XX, o sistema cearense de ensino con-

tabilizava um total de 246 escolas, assim distribuídas: 21 na capital, 75 nas cidades, 82 nas vilas e 70 nas povoações. Naquela época, a população total do estado era estimada em torno de 849.118 habitantes, sendo que, desse total, 48.369 residiam em Fortaleza. Nesse contexto, estes quase 50 mil habitantes, viviam demarcados por limites socioespaciais propiciados pela “Fortaleza” do centro da cidade e as “areias”, assim chamado o subúrbio, habitado pelas pessoas humildes e desprovidas de assistência pública. Indaga-se, no plano político, a representação que faziam da educação escolar para os pobres. (Teófilo, 2001), e nesse contexto nasce o Ginásio Municipal de Fortaleza, para somar-se ao Liceu e algumas muitas escolas particulares.

Nessa época, o Brasil vivia sob um regime autoritário, sofria com a pouca liberdade democrática que atingia conseqüentemente o sistema de ensino, e também contava com a resistência dos estudantes em todo Brasil, e em Fortaleza não foi diferente. O colégio abraçou grandes personalidades, porque não se limitava à mera formação intelectual, e sim com uma formação completa, que valorizasse o povo, o Estado e o país. Nesta fase, o Brasil contava com um fortalecimen-

to no debate do ensino médio, oriunda das lutas nos anos de 1930 pela educação pública de qualidade e gratuita, embora o quadro educacional nacional fosse ainda arcaico, de tradição retórica e conservadora, ainda sob a ótica da não construção de novas ideias e de ideais da cultura.

À luz da situação educacional no Brasil, é necessário se fazer algumas observações para poder entender o contexto geral, e como esse contexto influenciou a criação da referida instituição, objeto de estudo desta pesquisa. Para Saviani (2007), o estudo da educação no século XX, é entendido a partir do ano de 1890, do século anterior, com a criação dos grupos escolares.

Pela riqueza das informações e obras, bem como de documentos, não conseguimos reunir tudo neste estudo, por isso a necessidade de uma periodização preliminar contextualizada no entendimento de Saviani, visto que para o mesmo, a primeira etapa da compreensão acerca da história da educação, corresponde ao período de 1549 a 1759, com a educação jesuítica; o segundo, de 1759 a 1827, é representado pelas “Aulas Régias” instituídas pela reforma pombalina; e o terceiro período, de 1827 a 1890, consistiu nas primeiras tentativas,

descontínuas e intermitentes, de se organizar a educação como responsabilidade do poder público representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias. Nessa orientação, complementa Saviani:

A segunda etapa se inicia em 1890, com a implantação dos grupos escolares, e corresponde à história da escola pública propriamente dita. Nela podemos distinguir os seguintes períodos: 1º) criação das escolas primárias nos estados impulsionada pelo ideário do iluminismo republicano (1890-1931); 2º) regulamentação, em âmbito nacional, das escolas superiores, secundárias e primárias, incorporando crescentemente o ideário pedagógico renovador (1931-1961); 3º) unificação da regulamentação da educação nacional abrangendo as redes pública nas suas três instâncias, municipal, estadual e federal, e privada que, direta ou indiretamente, foram sendo moldadas segundo uma concepção produtivista de escola (1961 -2001). (Saviani, 2007).

Nesta perspectiva histórica, abordaremos, com mais intensidade, o ideário pedagógico renovador do segundo período da segunda etapa e o início do primeiro período desta mesma etapa, que trata da regulamentação da educação pública nas instâncias municipal, estadual e nacional, para embasar com mais clareza o período delimitado aqui proposto, apresentando como objetivo principal, compreender o processo de criação e desenvolvimento do Ginásio Municipal e destacando as demandas educacionais no contexto das transformações econômica, sociais e políticas no município de Fortaleza, no final da década de 1940 e início da década de 1970.

Diante dessa realidade apresentada, trazemos aqui como questão central, ou seja, o problema da pesquisa: Como se deu o processo de criação do Ginásio Municipal de Fortaleza com a implementação do ensino secundário no âmbito municipal da capital do Ceará? E outros questionamentos essenciais à pesquisa: De que forma se desenvolveu o Ginásio Municipal Fortaleza, na capital cearense, no período de 1949 a 1971? Qual a realidade educacional cearense na segunda metade do século XX e quais as demandas pela educação secun-

dária em Fortaleza? Como se deu o processo de encampação, por parte da gestão municipal, do Ginásio Municipal de Fortaleza? Quais as principais mudanças proporcionadas pelas ações políticas municipais com a criação do Ginásio Municipal? Qual a importância de estudar aquela Instituição para a história e memória da educação no estado do Ceará, em particular na cidade de Fortaleza?

Para tanto, a obra apresentada é um recorte da minha Tese de Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, na Faculdade de Educação – FACED. A pesquisa procurou analisar os fatores históricos que abalizaram as forças políticas que tomaram para si a responsabilidade pela educação secundária, por força da Lei Municipal nº 2.121 de 1949, no cenário educacional cearense, delimitando uma percepção espaço-temporal do Ginásio Municipal, no cenário educacional cearense, em meados do século XX, identificando as demandas escolares que impulsionaram o poder público à criação de uma escola de ensino secundário na cidade de Fortaleza; Compreender o percurso e o itinerário pedagógico do Ginásio Municipal, à luz das narrativas discentes e docentes, no contex-

to das ações públicas na garantia do acesso ao ensino secundário em Fortaleza; Destacar o papel social do Ginásio Municipal no contexto da cultura escolar cearense, na medida em que se procura analisar os impactos da efetivação daquela escola e o atendimento da demanda escolar na cidade, por meio de dados que garantam vislumbrar as demandas e as matrículas no interstício de 1949-1971.

Esse estudo se caracteriza por uma pesquisa de caráter historiográfico, cuja perspectiva teórica se fundamenta nas orientações do movimento da História Nova¹, por

¹ A nova história é a história das soberanias: trata-se de estabelecer uma história que banaliza as formas de representação coletivas e as estruturas mentais das sociedades, cabendo ao historiador a análise e interpretação crítica dos dados. São analisados globalmente os fenômenos de longa duração, os grandes conjuntos coerentes na sua organização social e econômica e articulados por um sistema de representações homogêneo. A nova história também recorre à antropologia histórica. Por sua definição abrangente do objeto da História, essa corrente também foi designada “História total”, em contraste com as abordagens que privilegiam a política ou a “teoria do grande homem” de Carlyle e outros. A nova história rejeita a composição da História unicamente como narrativa e a valorização dos documentos oficiais como única fonte básica de pesquisa. Em contrapartida, considera as motivações e intenções individuais como elementos explicativos para os eventos históricos, mantendo a velha crença na objetividade. (Peter Buker, 1992).

proporcionar uma renovação na forma de se entender e registrar os diversos acontecimentos ocorridos ao longo dos tempos.

Nesse contexto, ao perfilar as narrativas docentes e discentes, buscaremos também em seus discursos, os fragmentos de subjetividade, ou seja, os possíveis sentimentos suscitados nas lembranças do Ginásio, a mentalidade de uma época, os comportamentos, valores e concepções de educação que permeavam e davam direção a novas ideias de ampliação do ensino público municipal, ao promover o acesso da comunidade local ao novo modelo de instituição. Construindo, assim, um breve relato histórico, entrelaçado de memórias sensíveis dos sujeitos docentes e discentes que protagonizaram o processo de criação, objeto de estudo desta pesquisa.

Verifica-se uma lacuna da história local em relação à importância de contextualizar a escola que se pretende estudar, sua integração com a comunidade, sua razão histórica no quadro de evolução deste município e, como essa se formou e contribuiu para a formação de professores e de alunos, bem como para atender a demanda da cidade de Fortaleza ou seja, as interações com o sistema de ensino, investigando os motivos polí-

ticos e sociais que levaram a instalação do Ginásio Municipal de Fortaleza em 1949. Essa aproximação com a referida instituição possibilitou o conhecimento sobre as diferentes problemáticas que surgiram desde sua criação, e que envolvem questões diversas, tais como: influência de agentes civis da sociedade fortalezense, questões envolvendo propostas pedagógicas no que tange à formação de professores, questões socioculturais, a saber, questões de caráter político, e, por fim, questões envolvendo a preservação da memória e da história da instituição.

A importância dessa pesquisa consiste em, não apenas dar o devido valor ao legado desta instituição que se configura como um dispositivo simbólico de democratização e ampliação do ensino, e um empreendimento educacional essencial na formação dos jovens, mas também suscitar uma reflexão sobre o papel que desempenha, há 68 anos, na história e memória da Educação de Fortaleza.

1 FORTALEZA NO CONTEXTO DA CRIAÇÃO DO GINÁSIO MUNICIPAL

O processo de modernização na capital do Ceará começou em meados do século XIX. A cidade passou a contar com serviços urbanos modernos como telégrafos, bondes, telefones, eletricidade, automóveis, praças e cafés no estilo francês, cinemas, lojas com artefatos importados que traziam o melhor da moda europeia como o teatro, mansões e casarões que mudaram a paisagem das ruas ainda com poucas construções. Os comerciantes lucravam com o comércio do algodão e uma nova concepção de vida, moldada pelos valores civilizatórios, elitistas, excludentes e normatizadores que se espalhavam em Fortaleza.

A *Belle Époque*² nos presenteia com uma nova filosofia de vida e com desigualdades

² A “*Belle Époque*”, do francês “bela época”, foi um período de grande otimismo e paz, desfrutado pelas potências ocidentais, sobretudo as europeias, entre 1871 até 1914, quando eclode a Primeira Guerra Mundial. Esta “época áurea” foi possibilitada em grande parte pelos avanços científicos e tecnológicos, os quais tornaram a vida cotidiana mais fácil, bem como firmaram a crença de prosperidade e esperança no futuro. (Blom, 2015).

sociais, ainda vindouras nos tempos atuais. Esses acontecimentos na cidade de Fortaleza foram bem similares aos de outras grandes cidades no Brasil. Fortaleza expandia em seu espaço físico e demográfico. No ano da criação do Ginásio Municipal, a cidade contava com 240.000 habitantes. O poder público não conseguiu acompanhar e planejar a capital.

Os serviços como transporte, fornecimento de água, recolha de lixo e infraestrutura como um todo, não eram suficientes nem nas áreas consideradas mais nobres, muito menos na periferia. Até a década de 1950, se formaram as favelas (hoje chamadas de comunidades) do Pirambu, Mucuripe, Cercado do Zé do Padre, Lagamar, Morro do Ouro, Varjota, Meireles, Papoquinho e Estrada do Ferro. A população mais carente também ocupou o Morro do Moinho, o bairro do Seminário, do São João do Tauape, do Alto da Balança e Cajazeiras.

Essa periferização se contrapunha ao novo bairro que despontava como o melhor lugar para se viver, Outeiro, hoje Aldeota, com seus casarões neocoloniais, sobrados de modelo europeu, ruas largas, grandes jardins. O Outeiro representava a elite da década de 1950. Mas a capital do Ceará

não possuía condições de abrigar tantos cearenses. O transporte coletivo se tornava o principal meio de locomoção, visto que os bondes pararam de funcionar em 1947, por seu alto custo de manutenção.

Fortaleza também sentiu os dramáticos efeitos das Secas, pois não tinha como receber os refugiados. Os dois grandes flagelos, foram exatamente em 1951, quando do primeiro ano de funcionamento do Ginásio Municipal de Fortaleza, e o outro ano foi em 1958. Muitos migraram para as regiões Sul e Norte do país. Essa realidade era muito contraditória com a realidade do bairro Náutico, onde se construía os grandes clubes de praia, como o Náutico e o Ideal.

A elite se divertia nos clubes sociais e cinemas, e o público masculino podia frequentar os cafés da Praça do Ferreira, onde a presença feminina era proibida. Nesses cafés, foram os locais do surgimento de alguns artistas e intelectuais. A música ouvida nesses locais variavam entre os choros de Pixinguinha, sambas de Noel Rosa, músicas de Vicente Celestino, Augusto Calheiros, Alberto Perroni e as internacionais valsas, foxes e jazz. Não tinha televisão no Ceará, e desde a década de 1940 o rádio era a principal distração para os fortalezenses.

A década de 1950, teve seus momentos áureos, mas nada que escondesse a realidade de uma cidade que crescia e o poder público não acompanhava e não dava conta de sanar os problemas que acompanharam esse expansionismo. Como marco dessa década, também temos a criação da Universidade do Ceará, que em 1955, que uniu as instituições existentes em uma só: Escola de Agronomia do Ceará, Faculdade de Direito do Ceará, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia. Posteriormente, tivemos o início da construção do açude de Orós, considerado o maior do mundo. Diante dessa concepção de cidade, nasceu o Ginásio Municipal de Fortaleza.

Como já mencionado no início desta pesquisa, o Ginásio Municipal de Fortaleza foi criado pela Lei nº 140 de 1º de abril de 1949, de autoria do vereador João Ramos de Vasconcelos César, que era diretor proprietário do Ginásio Farias Brito juntamente com o Senhor Ari de Sá Cavalcante, que também era diretor e proprietário do ginásio citado, que na época se situava à Rua Major Facundo, esquina com Duque de Caxias, na Praça do Carmo.

Na Rua Barão do Rio Branco, nº 1594, do outro lado da praça, o prédio abrigou o re-

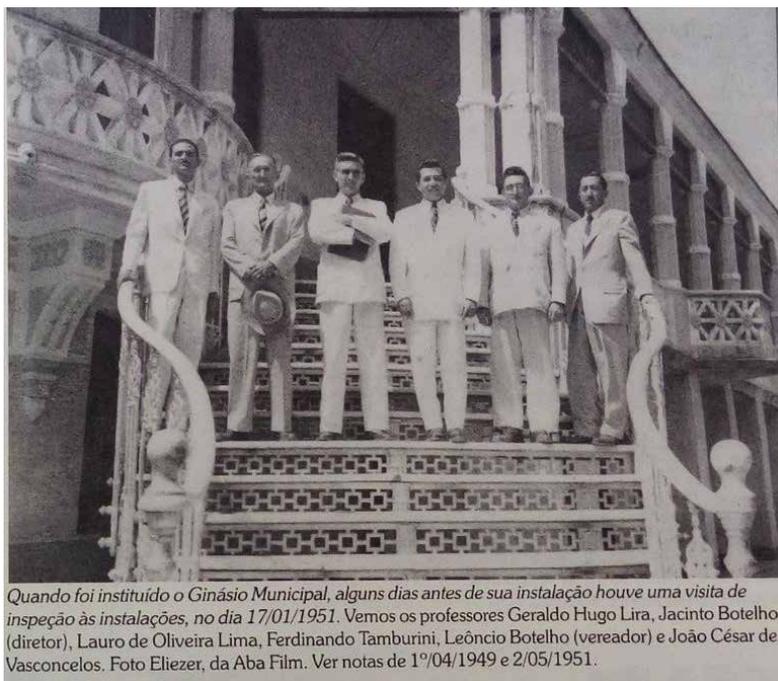
ferido Ginásio, objeto desta pesquisa. Seu primeiro diretor foi o advogado Jacinto Botelho de Sousa. O novo espaço de educação em Fortaleza, inaugura o ensino ginásial na educação pública municipal, ofertando o ensino secundário. O prédio deu lugar ao Instituto do Ceará, no ano de 1967.

Figura 1 – Ginásio Municipal de Fortaleza.



Fonte: acervo Instituto do Ceará .

Figura 2 – Professores na escadaria no Ginásio Municipal de Fortaleza.



Fonte: acervo Instituto do Ceará.

Na escadaria do Ginásio Municipal de Fortaleza, da esquerda para a direita: o Professor Geraldo Hugo Lira, o diretor Jacinto Botelho, o professor Lauro de Oliveira Lima, o professor Ferdinando Tamburini, o vereador Leôncio Botelho e o professor João César de Vasconcelos.

De acordo com narrativas do professor Edivar Ramos Barros, que concedeu longos

momentos de entrevistas para esta pesquisa, antes de seu falecimento, em 21 de setembro de 2020, autorizando a divulgação da sua identidade na pesquisa, por ser parte importante nessa instituição, nos relatou que:

A busca por bolsas de estudo no Ginásio Farias Brito era muito grande, e como um dos sócios era vereador, o dr. João César, então eles pensaram em criar um Ginásio Municipal público, que tirasse do Ginásio particular a grande demanda por bolsas de estudos, era gente demais pedindo bolsa, ele se viu obrigado a criar e colocou o ginásio ali olhando pro Farias Brito. Assim nasceu na câmara dos vereadores de Fortaleza, o Ginásio Municipal de Fortaleza, em 1949, mas foi inaugurado em 02 de maio de 1951 em um velho prédio, que ficava ali na Rua Barão do Rio Branco também esquina com a Praça do Carmo. O prefeito na época era o doutor Paulo Cabral. Eu era aluno do Farias Brito no ginásio, e me preparei para fazer o científico no Liceu, passei nos exames admissionais (...). Não me recordo o ano.

O professor Edivar Ramos, se formou em Farmácia, obteve da Universidade Federal do Ceará – UFC, um registro para lecionar Ciências no curso ginásial em todo o Ceará, bem como tinha uma licença concedida pela Escola Normal Justiniano de Serpa, por meio de um curso de formação de professores que o mesmo fez ainda na década de 1950 para lecionar nas escolas, pois o mesmo já era professor no Farias Brito no preparatório para os Exames de admissão para o Liceu e posteriormente para o Ginásio Municipal em 1961.

Nessa época, professores cursavam apenas uma escola normal ‘regional’, o que significa que eles faziam o ginásio, equivalente do sexto ao nono ano, como se fosse uma Escola Normal. Ou seja: se formavam professores sem mesmo cursarem o equivalente ao Ensino Médio.

Nas cidades maiores, via-se uma escola bem organizada, com turmas separadas de meninos e de meninas. Dentro de sala de aula, estudantes sentados em fila, uniformizados e disciplinados. Mas havia também, os estudantes sem condições, em um prédio improvisado, em que não há divisão por gênero, nem por idade: na mesma sala de aula, estudantes de quatro séries diferentes dividiam a atenção da professora que, sem qualificação adequada, se esfor-

çava para repassar um mínimo de conteúdo. Esses cenários eram verdadeiros e refletiam faces diferentes da escola pública brasileira nesse período.

Nas décadas de 1950 e 1960, o ensino público, especialmente nos grandes centros, começava a se beneficiar do investimento feito na formação de professores. Essa conjunção de uma escola ainda elitista, mas já com professores formados em estruturas mais profissionais, faz com que o período fosse lembrado por muitos como uma época de ouro da educação pública brasileira.

O acesso desigual à escola não era uma peculiaridade do Brasil, mas, na comparação com nações europeias, nosso processo de massificação do ensino começou mais tarde. Já no início da República, estávamos muito atrasados em relação à Europa e a alguns países da América do Sul, como Chile, Argentina e Uruguai. Essa realidade fica bem clara nas falas do professor Edivar, quando das suas recordações de aluno e de professor que se tornou:

Quando eu era ainda aluno do velho Liceu do Ceará, criei uma escola na Aerolândia chamada de Instituto Artur Bernardes, que praticava o ensino primário,

inicie a educação da maioria da meninada moradora de um bairro que começava a crescer. Fiquei logo conhecido em todo o bairro e coloquei na cabeça a ideia de ser vereador. O chefe político dali, o vereador Guttemberg Braum, que ao saber da minha ideia, logo me visitou pedindo que eu trocasse a ideia de ser vereador por uma vaga para lecionar no Ginásio Municipal de Fortaleza estabelecido na Praça do Carmo. Como eu era professor de ciências, portador de um registro para lecionar tal disciplina no curso ginásial em todo o Ceará, aceitei a proposta do Guttemberg que me conduziu no seu veículo ao Ginásio Municipal no final do ano de 1961. Fomos recebidos pelo médico e diretor do ginásio, o professor Públio que aceitou a proposta do vereador para que eu começasse a lecionar ali no ano seguinte.

Nesse enredo inicial, podemos perceber a importância da rememoração na reconstrução das histórias, tanto pelo prisma social como individual. A narrativa constitui-se no ato de contar e de revelar o modo pelo qual

os sujeitos concebem e vivenciam o mundo. Esse todo narrado vai sendo tecido a partir das partes selecionadas, “[...] portanto, a narrativa não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra” (Delory, 2012). Assim sendo, as situações narradas são revividas, possibilitando que as vivências esquecidas sejam recuperadas e que as imagens constituídas sejam retomadas.

Com isso, retomamos à história do Ginásio Municipal, pelas narrativas do professor Edivar, que viveu momentos de ascensão e descobertas na vida docente, se tornando professor uma década depois de sua inauguração, acompanhando a mudança de Ginásio para Colégio Municipal, em 1963, além da mudança do prédio da Praça do Carmo para Avenida Borges de Melo, onde o mesmo se torna, Escola Municipal Filgueiras Lima, e assumindo o papel de vice-diretor, criando nos anos 2000 o primeiro pré-vestibular em âmbito municipal, em uma ramificação da escola que também foi pioneira em oferecer o ensino médio municipal público. A reportagem abaixo, de 1961, nos relata um pouco dessa admiração e da importância educacional que a Instituição traz para a administração municipal.

Figura 3 – Recorte de Jornal.

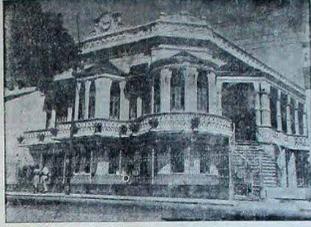
HOJAS - DOMINGO, 17 DE OUTUBRO DE 1961

Atéios de uma administração a serviço do povo

O "GINÁSIO MUNICIPAL" CONSTITUI HOJE UM MOTIVO DE JUSTA UFNIA PARA FORTALEZA

NOTAVEL REALIZAÇÃO DA PREFEITURA EM BENEFÍCIO DO POVO

608 alunos de ambos os sexos são no curso secundário e mais de mil crianças no Curso de Preparação ao Ginásio — Um Corpo Docente que é dos melhores do Estado — A Biblioteca Capistrano de Abreu e o Grémio Literário Professor Joaquim Nouzeira — O Orfeon tem briliante em varias exhibições — Teatro dos bons — Uma visão do notável estabelecimento de ensino da Praça do Carmo



Fonte: acervo Instituto do Ceará.

Por meio dessas lembranças, o professor continua:

Assim decidido, no início de 1962, recebi o horário das aulas e iniciei a primeira aula. Naquela década, o mundo fortalezense ainda era pequenino e preconceituoso e, portanto, os meninos estudavam pela manhã e as meninas a tarde. A minha primeira aula fora toda escutada pelo diretor, o professor Público, que se escondera por trás de uma parede que dava entrada para a sala de aula. Como o prédio escolar era do tipo duplex e

muito antigo, entrou na cabeça das meninas a ideia que o prédio poderia cair a qualquer momento. (...) Pausa na fala. Certo dia, um som estrondoso produzido lá fora chegou aos ouvidos das meninas e então logo se levantaram e correram para descer as escadas do velho prédio. Iludido também, não pude ficar e sai correndo. Ao chegar lá embaixo, vi que o estrondo fora provocado por uma batida violenta de dois automóveis na frente do ginásio, ao lado da igreja do Carmo.

Essa fala nos remonta a um modelo de escola que acompanha o momento histórico do país, alimentando uma cultura de muita disciplina, conteúdo e rigor técnico para todos que compunham o Ginásio Municipal. Nesse período em que o professor Edivar assume a docência, a única Lei que embasava o ensino nesse grau era a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que foi implantada em dezembro de 1961, e passou a ser denominada de Ensino Médio, com duas ramificações: secundária e técnica. O Ensino Secundário ficou dividido em ginásial com duração de quatro anos, e o Colegial, de três anos. E o Ensino Técnico

dividiu-se em três cursos: Industrial, Agrícola e Comercial.

O Ginásio Municipal, em seu projeto de criação apresentava dois objetivos: implantar e inaugurar o ensino ginásial no ensino público do município de Fortaleza e matricular preferencialmente os filhos de funcionários públicos municipais. No mesmo projeto, a prefeitura, se comprometeria a construir sede própria para abrigar o Ginásio. Sobre isso, o professor Edivar também tem suas lembranças:

O Ginásio foi um ícone da educação pública municipal, pelo trabalho educacional público desenvolvido na formação de milhares de cidadãos que a nível de segundo grau e mandados para a universidade, empurraram o crescimento da grande e bela cidade que é Fortaleza. Em relação a direção do ginásio, lembro que o diretor era indicação política. Na época da inauguração em 1951, havia falta de professores no mercado e os diretores geralmente tinham outras profissões. (...) Pausa na fala, suspiro de esquecimento. (...) um diretor inesquecível foi

o professor Edmilson Pinheiro, advogado e ex-deputado estadual, exibia auto estima por ser professor. Morava na Praça do Carmo defronte a sacristia da Igreja do Carmo e na parede frontal da residência estava colocada uma placa metálica em que podíamos ler EDMILSON PINHEIRO – PROFESSOR. Quem passava por ali podia ler aquela placa metálica que existiu até bem pouco tempo. Se a prefeitura de Fortaleza admitisse a educação pública como história em uma cidade que não para de crescer, teria guardado a casa do professor Edmilson com aquela placa falando a verdade, naquela época.

O Ginásio Municipal, permanece com essa nomenclatura até 1963, quando através da Lei Municipal nº 2021, foi elevado à categoria de Colégio, passando a atender pelo nome de Colégio Municipal de Fortaleza, mantendo os dois ciclos de ensino secundário. A nova redação da Lei, decretava que os professores seriam nomeados por concurso público de provas e títulos, em sua justificativa apresentava o seguinte texto:

Não se compreende que o município continue mantendo apenas um Ginásio no que se refere ao nível secundário. É necessário que se cuide com maior desvelo pela educação dos jovens e que se lhe dê maiores possibilidades. É uma obrigação do Estado e do Município. (...) Com essa transformação, fica assegurada aos seus atuais alunos do Ginásio Municipal a complementação dos seus estudos sem que tenham diante de si o problema cruciante da escolha de um novo Colégio e sem que lhes antepõemham as dificuldades de ordem financeira ou suplicio da suplicação de bolsas de estudo.

Estou certo de que meus ilustres pares compreenderão bem o sentido dessa transformação e, assim, não deixarão de aprová-la. (Sala das sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, 30 de janeiro de 1963).

Esse texto foi enviado em forma de mensagem à Comissão da Câmara Municipal de Fortaleza, pelo vereador Antônio José Azin,

o presidente da casa era o vereador José Barros de Alencar, que enviou a redação final com a aprovação da comissão da câmara, ao prefeito General Manuel Cordeiro Neto, para tomar as devidas providências.

Ainda como Ginásio Municipal de Fortaleza, ganhou um hino do professor titular de latim, poeta e advogado José Rebouças Macambira que escreveu a letra e a música foi composta pelo Maestro Orlando Leite, que era professor do Conservatório Alberto Nepomuceno, e professor do Departamento de música da Universidade Federal do Ceará. Eis o Hino:

I

Meu colégio, meu templo sagrado
Sodalício de vidas em flor
És o lar dos meus pais prolongado
No anseio de luz e amor

II

Seja a vida tão só de aspereza
Seja a vida um perene porvir
Saberei batalhar com nobreza
E levar o teu nome ao porvir

ESTRIBILHO

Onde não floresce a ciência
Predomina a escuridão
É uma noite a inteligência
E outra noite, ao coração

III

Ao clarão dos teus sábios ensinosa
Seguirei sem temer soçobrar
Em demanda dos altos destinos
Que tão bem me soubeste apontar.

LETRA: José Rebouças Macambira.

MÚSICA: Orlando Leite.

FONTE: Acervo pessoal professor Edivar Barros.

Em 1966, o Colégio Municipal de Fortaleza, passa a se chamar Colégio Filgueiras Lima, para homenagear o educador e poeta cearense Antônio Filgueiras Lima, que faleceu em 1965. A sede do colégio se transferiu do casarão Jeremias Arruda na Praça do Carmo, para uma sede própria, construída com a nova perspectiva arquitetônica moderna que os grandes centros tentavam seguir o padrão das escolas novas.

O colégio passou a receber sua juventude na Avenida dos Expedicionários, nº 3910, no bairro Jardim América, onde se encontra atualmente. Ainda sob o ponto de vista do professor Edivar sobre os acontecimentos da mudança de nome:

Figura 4 – Colégio Municipal Filgueiras Lima



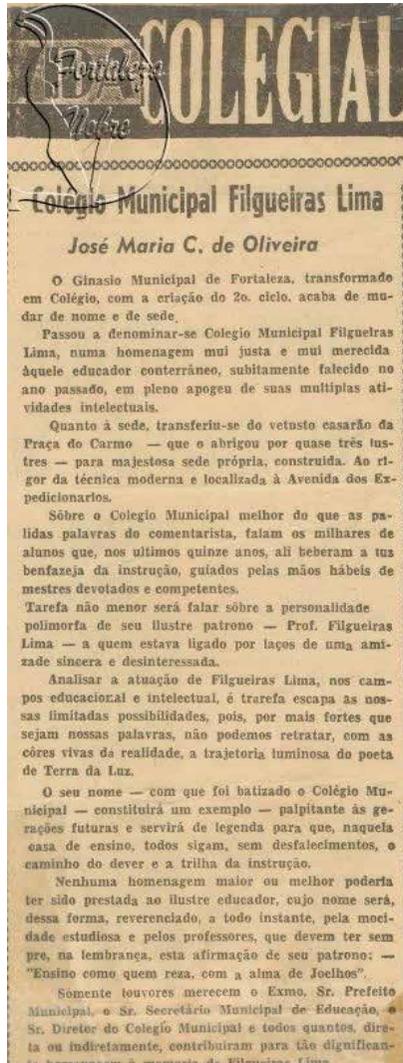
Fonte: foto disponível em:
<https://fortalezaantiga.blogspot.com/>.
Acesso em: 16 jan. 2025.

A Secretaria Municipal de Educação retirou a expressão “de Fortaleza” e substituíram por nome de uma pessoa e então a escola passou a ser chamada Colégio Municipal Filgueiras Lima. Não querendo desmerecer o nome do professor Filgueira Lima, mas levar em conta que sendo aquela escola um ícone educacio nal nesta cidade, executando um trabalho educacional como o Liceu da prefeitura, deveria permane-

cer com o nome com que foi batizado no seu nascimento. Aliás, é preciso lembrar que a Secretaria de Educação Estadual não mexeu com o título do Liceu e, portanto, permanece Escola Estadual Liceu do Ceará.

Podemos perceber um certo descontentamento do professor Edivar Ramos em relação à mudança do nome, por pensar uma certa tradição e por tentar manter uma nomenclatura histórica para a escola por ser pioneira na autonomia municipal, e ainda por contemplar um quadro de professores bem formados. Embora não fossem licenciados, os professores eram, em sua maioria, bacharéis com licença para ensinar em áreas afins, mas todos traziam uma boa oratória, um bom comportamento, e um conhecimento superior aos que as professoras leigas apresentavam no ensino primário. Os professores enxergaram no Ginásio, posteriormente Colégio, um espaço de bom ensino e de boa educação, assim como o professor em questão. Abaixo, uma nota sobre a mudança de nome.

Figura 5 – Nota colegial.



Fonte: foto disponível em:
<https://fortalezaantiga.blogspot.com/>.
Acesso em: 16 jan. 2025.

Filgueiras Lima, poeta e educador cearense, teve grande destaque na educação do Estado juntamente com seu contemporâneo Lourenço Filho, implantando as Diretrizes da Escola Nova no Ceará, bem como assumiu vários cargos na educação local desde a década de 1930, e em 1932 fundou, junto com outros educadores, a revista pedagógica “Educação Nova” de que foi Redator-Chefe, depois transformada em órgão da Antiga Diretoria-Geral da Instrução Pública do Ensino no Ceará.

O referido foi, em fevereiro desse mesmo ano, nomeado chefe do Serviço de Estatística Educacional daquela Diretoria. Exerceu os cargos de Inspetor do Ensino Normal e de Assistente Técnico do Ensino. Escreveu livros e participou ativamente da modernização da educação no Ceará. O estudo em questão não se prolongará no extenso currículo de Filgueiras Lima, mas vale destacar a sua importância no quadro educacional local.

O Colégio Filgueiras Lima tentava, após o Golpe Militar, sobreviver com sua cultura escolar autônoma, mas não pôde fugir do conjunto da nova ordem nacional. No Ceará, as reformas educacionais impostas pelo regime militar fundamentadas na ideologia da Segurança Nacional, tendo como pano

de fundo o culto à Pátria e à Nação, foram estabelecidas pelo currículo de 1º. Grau da Secretaria de Educação do Estado, em abril de 1973, onde se fixavam os métodos, objetivos e conteúdos os quais deveriam ser trabalhados de 1ª a 8ª série, em atendimento à Lei 5692/71.

Dessa forma, as reformas foram bastante significativas, considerando que a lei representava o abortamento de uma outra proposta curricular publicada em 25 de março de 1964, com o título de Livro da Professora³. Um dos poucos exemplares existentes pode ser encontrado na Biblioteca do Colégio Municipal Filgueiras Lima.

Esta proposta, elaborada pela “Comissão dos Notáveis”, como a chamara o então governador Virgílio Távora, pode ser considerada bastante avançada para época, tendo em vista a forte influência do pensamento de Paulo Freire. As mudanças do Golpe

³ O Livro da Professora foi uma proposta curricular para as escolas do estado do Ceará, no ano de 1964, tendo sido usado oficialmente por, pelo menos, dois anos, uma vez que foi recolhido em 1966. Mesmo depois de recolhido, continuou como referência para as práticas pedagógicas no Ceará, sendo possível encontrar alguns livros elaborados posteriormente que o tem como referência.1 . Os autores responsáveis pelo “Livro da Professora” percebiam a educação como um meio para a “promoção do homem através do diálogo entre aluno e professor. Entre professor e diretor. Entre escola e comunidade, pais e mestres. Entre educadores.

Militar de 1964 e a adesão da política local acabaram impossibilitando sua aplicação, agora substituída por diversos outros mecanismos institucionais que visavam a adaptação da disciplina de História ao autoritarismo estatal.

Nas escolas de Fortaleza, em especial nos Colégios Justiniano de Serpa, Liceu do Ceará e Municipal Filgueiras Lima, havia um diálogo que levava em conta a autonomia dos três colégios que se destacavam pela ordem, rigor, disciplina, mas que passeavam por falas mais modernas sem fugir das regras ditadas no momento.

O apogeu do Ginásio Municipal se deu em sua criação, em um momento de glória e pioneirismo para o ensino municipal público com o advento dessa sublime instituição. De respeito aos mestres e mestras que ali ensinavam e no ingresso de alunos e alunas da classe média baixa, que agora poderiam, por meio de exame admissional, fazer parte dessa escola que despontava como a melhor novidade naquela década, como veremos no próximo capítulo, que conta com as narrativas e ex-alunas e alunos.

2 VOZES DE QUEM VIVEU O GINÁSIO

Voices da memória... Para Ecléia Bosi, lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora ainda declara que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

O Ginásio Municipal de Fortaleza, guarda muitas vozes, e deve ter silêncios também que comunicam algo. Nessa parte da pesquisa, evocaremos as vozes de quem viveu o Ginásio Municipal e, por meio delas, decifrar como o ginásio era visto pelos discentes e a partir dessas vozes, dialogar com a realidade da época.

Para além do texto escrito, o contato com os relatos orais, com base na oralidade para a produção de conhecimento, que recorre à memória como principal fonte de subsídio e alimento das narrativas, produz a fonte his-

tórica, nesse diálogo constante, “construiremos” e interpretaremos esse caminho histórico nas dimensões de tempo, consenso, conflito, espaços, fatos, lugares, fronteiras, fissuras... lembranças e esquecimentos.

Depois do professor Edvar, que assistiu de perto a criação e evolução do Ginásio Municipal de Fortaleza, a voz que recordará a instituição é da ex-aluna Eluzai Freire de Andrade, que cursou o Ginásio entre os anos de 1955 a 1958, ainda na primeira sede do Ginásio Municipal no casarão Jeremias Arruda. Eluzai mora em São Paulo há mais de seis décadas, e consegui localizá-la por meio do site Fortaleza Nobre, que tem um bate-papo com quem visita a página e deixa opiniões e sugestões, e ela tinha deixado um recadinho para tentar encontrar alguém do Ginásio da turma de 1955 a 1958.

Assim ela nos reporta:

Estou muito feliz pelo convite, porque eu amei aquele colégio e eu chorei quando eu vi a situação dele quando eu fui até lá pensando que eu ia ver nosso quadro na parede. Antigamente era muito caro e quem nos patrocinou com o quadro da turma foi o dono do Cartório Martins que foi nosso patro-

no. O paraninfo da turma também nos ajudou bastante. No convite que te enviei tem tudo. (...) Bem, eu fiz uma parte do primário no Ginásio 7 de setembro e quando eu fui me preparar para o teste de admissão para o ginásio eu fui me preparar nesse prédio grande que eu acho que era uma ramificação do ginásio municipal, lá era um preparatório e foi umas amigas comigo, amigas de 6, 7 anos do 7 de setembro, nós éramos muito unidas e somos amigas até hoje. Foi um tempo muito bom, foi o melhor tempo da minha juventude. Lá no Ginásio Municipal nós tínhamos muita amizade com os professores. Lá eu entrei com 14 anos e sai com 18. Nós tínhamos um professor de matemática que se chamava Adroaldo Castelo Branco, esse homem era um gênio, como eu era uma boa aluna na classe ele gostava muito de mim, apesar dele ser bem sério, eu gostava da maneira como ele dava aula, ele começava a escrever no quadro, numa linha reta, uma caligrafia linda. Não sei se existe professor igual aquele hoje em dia... Lá era muito rígido, e a gente era muito alegre, fui

um dia pra diretoria, mas não foi coisa séria não, foi por causa do professor de inglês, não me lembro o nome dele. Eu lembro do professor Solón, ele morava em São Paulo e passava a semana lá em Fortaleza e final de semana ele ia pra São Paulo, dava aula com um avental branco, mas eu não consigo lembrar qual era a disciplina dele. O professor de Ciências era o Públio Lopes Filho, ele era médico. Antigamente era muito diferente, a gente não podia perder nada que os professores falavam.

Figura 6 – Exame de Admissão de Eluzai para estudar no Ginásio Municipal de Fortaleza – 1954.

GINÁSIO MUNICIPAL DE FORTALEZA

Eluzai Freire de Andrade
NOME DO ALUNO

16 de Março de 1940
DATA DE NASCIMENTO

Fortaleza
CIDADE

Ceará
ESTADO

Alfredo Pereira Freire
NOME DO PAI

Francisca Sísis Freire
NOME DA MÃE

EXAME DE ADMISSÃO

Ginásio Municipal de Fortaleza
ESTABELECIMENTO QUE EXPEDIU O CERTIFICADO

Fortaleza
CIDADE

Ceará
ESTADO

RESULTADO:

PORTUGUÊS	60	ARITMÉTICA	40
GEOGRAFIA	50	HISTÓRIA	45
MÉDIA GERAL	63	DATA	16-12-54

Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 7 – Foto com parte da turma. Eluzai é a segunda da fileira de baixo, da esquerda para direita.



Fonte: acervo Eluzai Freire

Figura 8 – Foto com uma colega de turma.
Eluzai é a da direita.



Fonte: acervo Eluzai Freire.

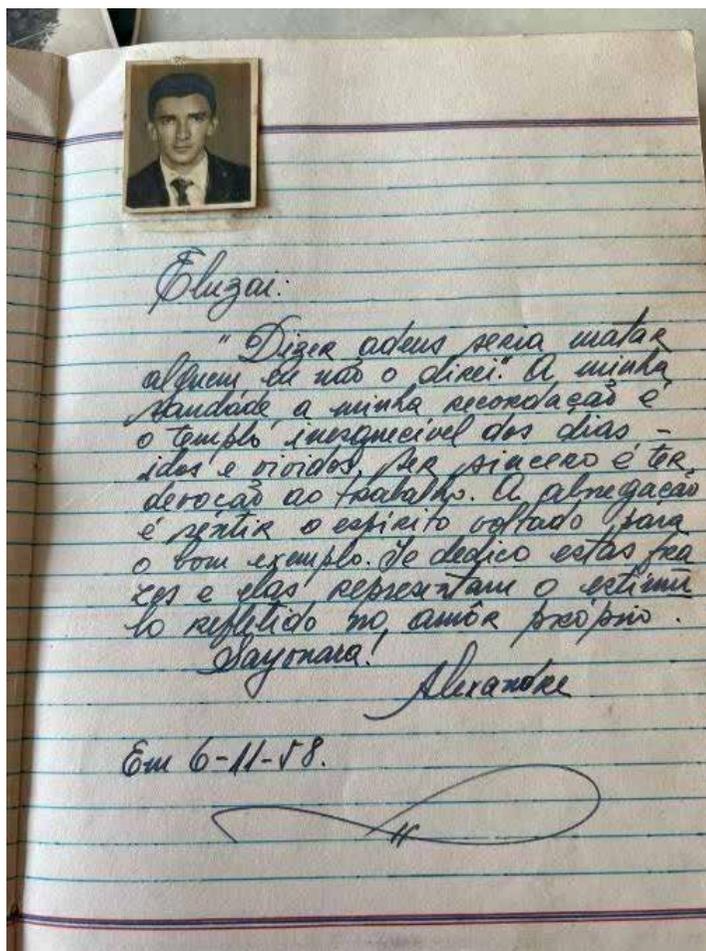
Na construção da memória, para Neves (2000), procurar o que se perdeu em nada é melhor que a falta de busca, porque mesmo que se pense encontrar e se encontre o perdido – o que é um sonho utópico, em grande medida – ele já não se insere no novo contexto. Esse achado não se encaixa nas conjunturas que se vão tecendo em meio à dinâmica do processo atual. Assim, Eluzai vai tecendo suas memórias e, ao mesmo tempo, reconhecendo como o tempo mudou e a nostalgia se faz presente nessas recordações de outros tempos.

Assim ela continua:

Os móveis eram lindos, tinha uma mesa comprida na sala, era de madeira maciça mesmo, as carteiras já eram como hoje, tinha o encosto e embaixo a gente punha o material. A diretoria era muito bonita, a secretaria também, a recepção da escola. Os inspetores e inspetoras eram tudo amigos, não era como a geração de hoje, nós já trazíamos uma educação rígida de casa então nós já sabíamos como nos portar. Aquele colégio era perfeito. Eu vou usar uma

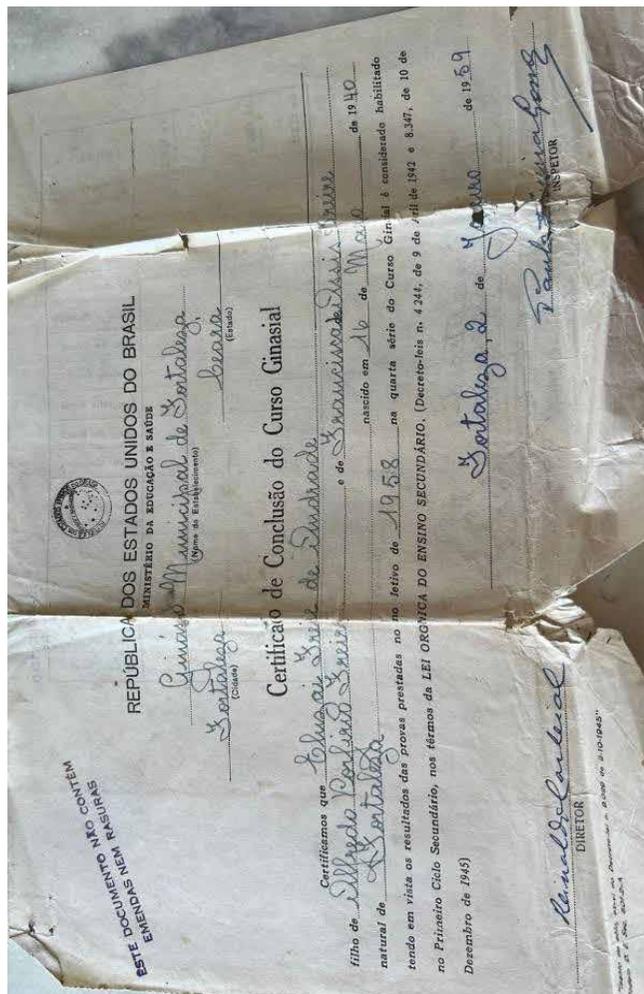
expressão dura, mas eu acho um crime fechar um colégio como aquele. Eu lamento muito eles terem feito uma coisa dessa. Era uma organização perfeita. O secretário Alexandre era muito organizado, ele zelava por tudo, o diretor também, os alunos não quebravam nada. Naquela escola tinha tudo de qualidade, eu não esqueço nunca, está aqui retido na minha memória, como se fosse um filme, eu vejo tudo. Quando eu fui em Fortaleza que vi lá os quadros tudo no chão, tudo quebrado, eu fiquei acabada, eu acho um desrespeito com a nossa geração, não sei nem como exprimir. Tinha uma foto com todos os professores. Fazer parte da comissão de festa foi muito importante, pois a gente se empenhava em tudo e infelizmente, tudo jogado no chão.

Figura 9 – Recado do Secretário.



Fonte: caderno de recados da turma de 1958.
O Secretário Alexandre, deixando seu registro
para Eluzai. Acervo Eluzai Freire.

Figura 10 – Certificado de conclusão do curso Ginásial em 1958.



Fonte: acervo Eluzai Freire

Ainda em suas recordações,

As instalações eram lindas, tudo muito bonito. É uma pena não terem guarda do nada da nossa época. A farda era uma saia bege e uma blusa branca pras meninas. A tarde estudava as meninas e pela manhã os meninos, mas a nossa festa de formatura foi junta, eu era presidente da comissão das meninas e tinha a comissão dos meninos, mas a nossa comissão que resolveu tudo (risos), menino é mais acomodado... Teve também a escolha da rainha do colégio, a eleita era da minha sala, era a Maria Helena, muito bonita. Foi muito bonita a coroação dela, ela ficou sendo rainha até o final do nosso curso. Professoras tínhamos poucas, tivemos uma de Inglês que não me lembro o nome, a Olívia, era professora de História, era uma senhora bem séria e rígida. Tínhamos aula de latim com o professor Macambira, Ciências com o professor Públio, muito capaz, eu sabia até onde ele morava, ali na praça da Lagoinha. A socie-

dade daquela época era muito pacata, a educação era outra, a rigidez de nossos pais era amor e ordem, respeito acima de tudo, meus pais me orientavam a entrar dentro do ônibus e se entrasse uma pessoa mais velha eu tinha que me levantar e ceder o lugar, lá em casa os irmãos mais novos cediam lugar para os mais velhos na mesa, éramos 11 e se faltasse um lugar o mais novo cedia, então existia um respeito e por isso a gente respeitava todos na escola. O Alexandre, que era o secretário, gostava muito da gente porque a gente era bem educada. Eu morava na Marechal, então eu ia a pé, mas muitas dependiam de ônibus.

Figura 11 – Letra do professor Macambira.

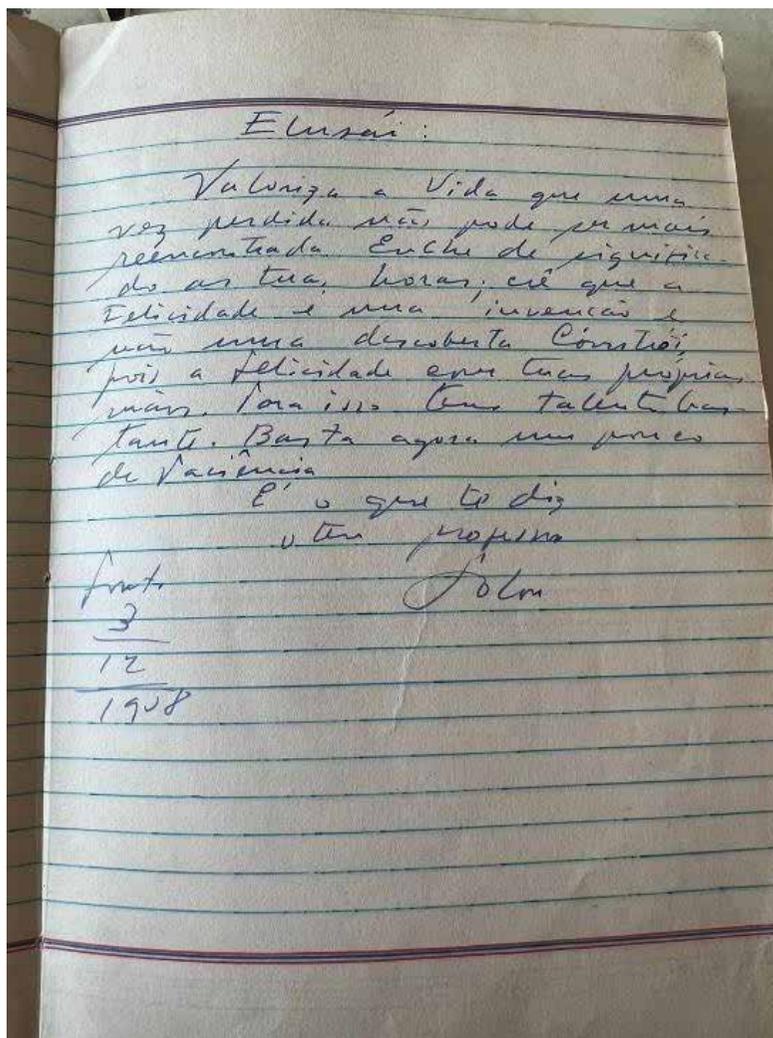
Eluzai

durante a breve tem-
porada de quatro anos
quiasiais, você foi sem
dúvida uma agradável
companheira de viagem.

Em 9-12-55
J. P. Macambira

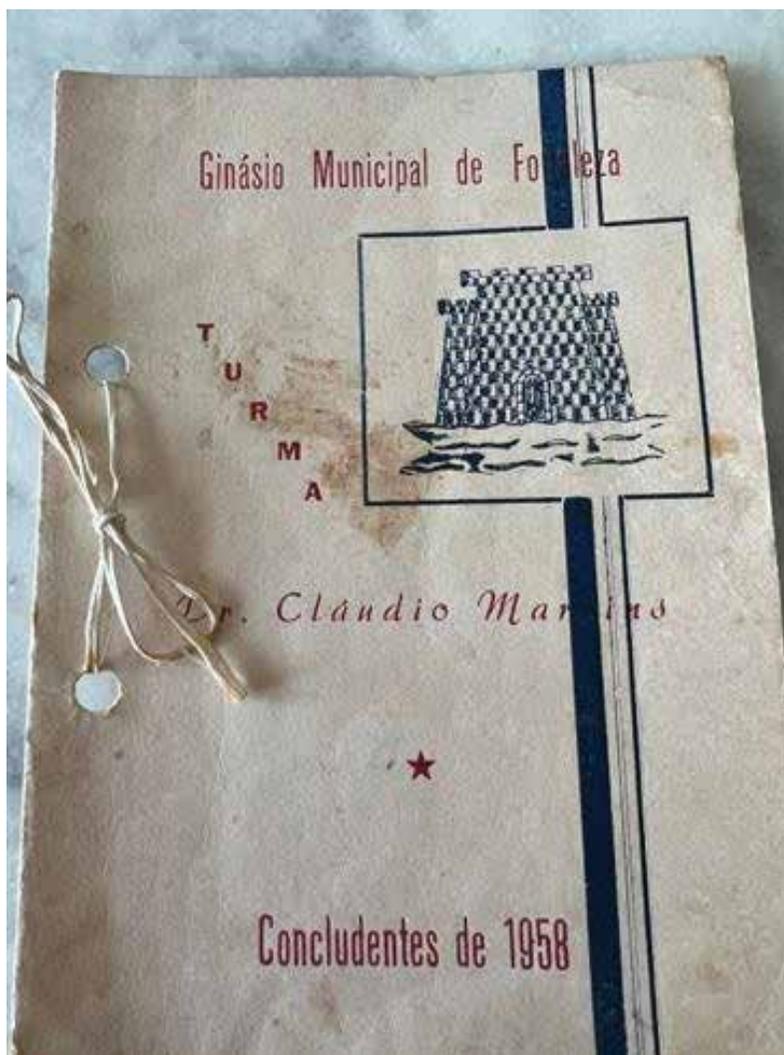
Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 12 – Letra do professor Solon.



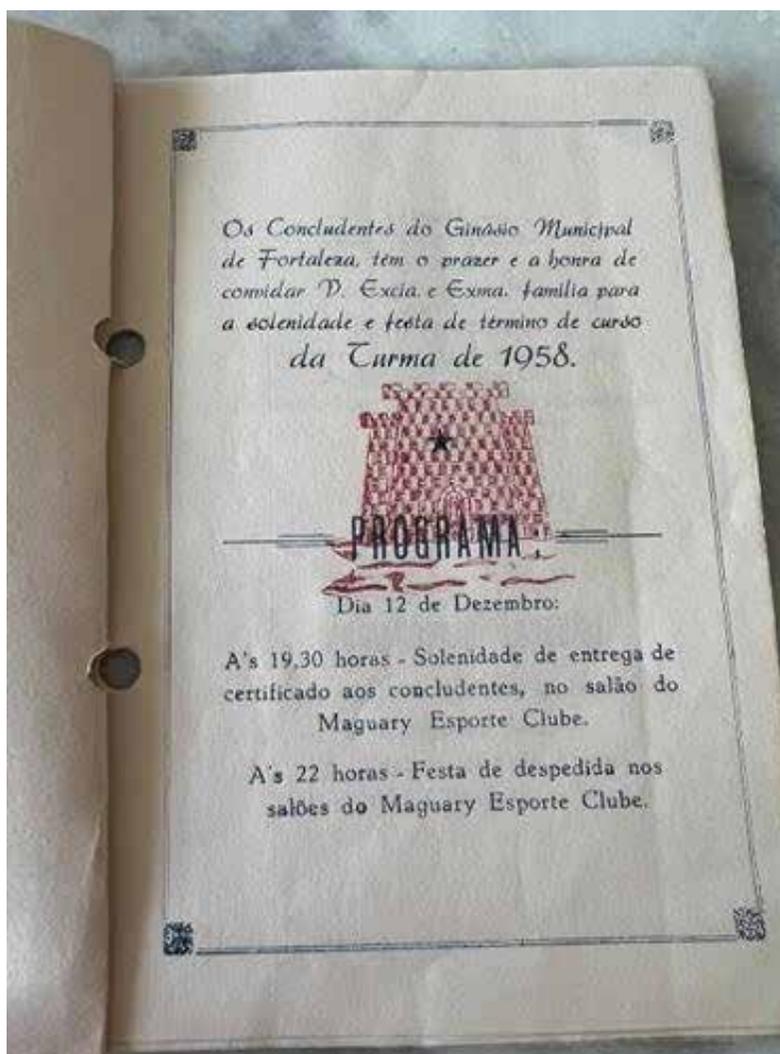
Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 13 – O Convite da turma de 1958.



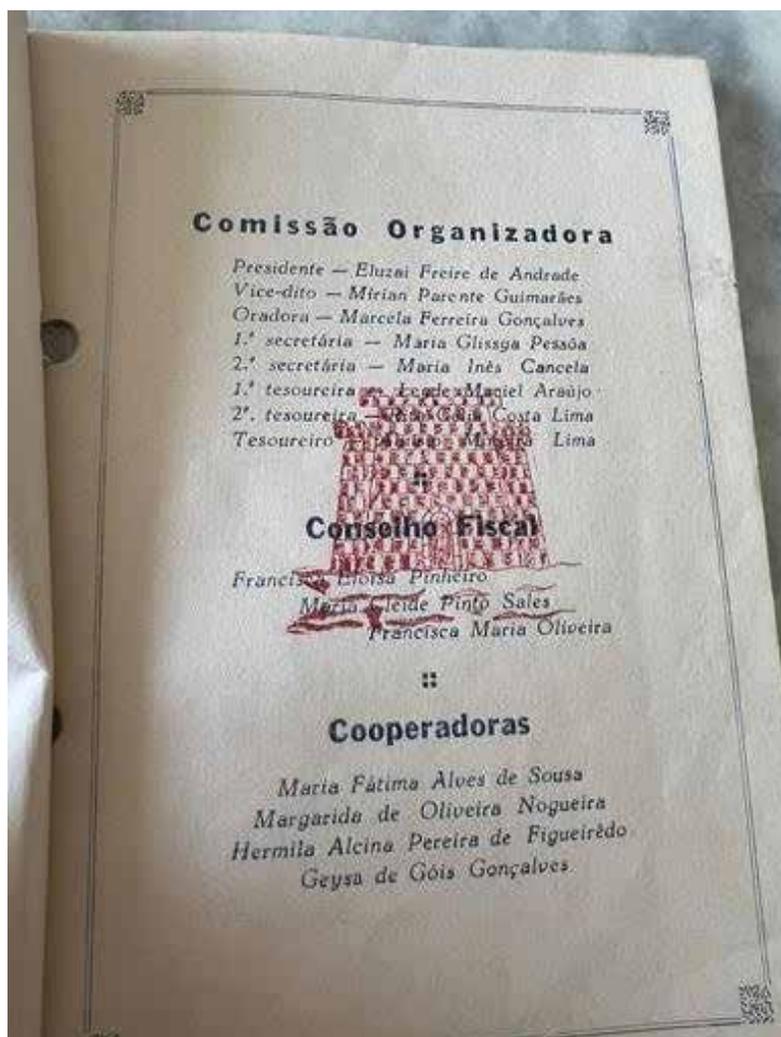
Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 14 – Data.



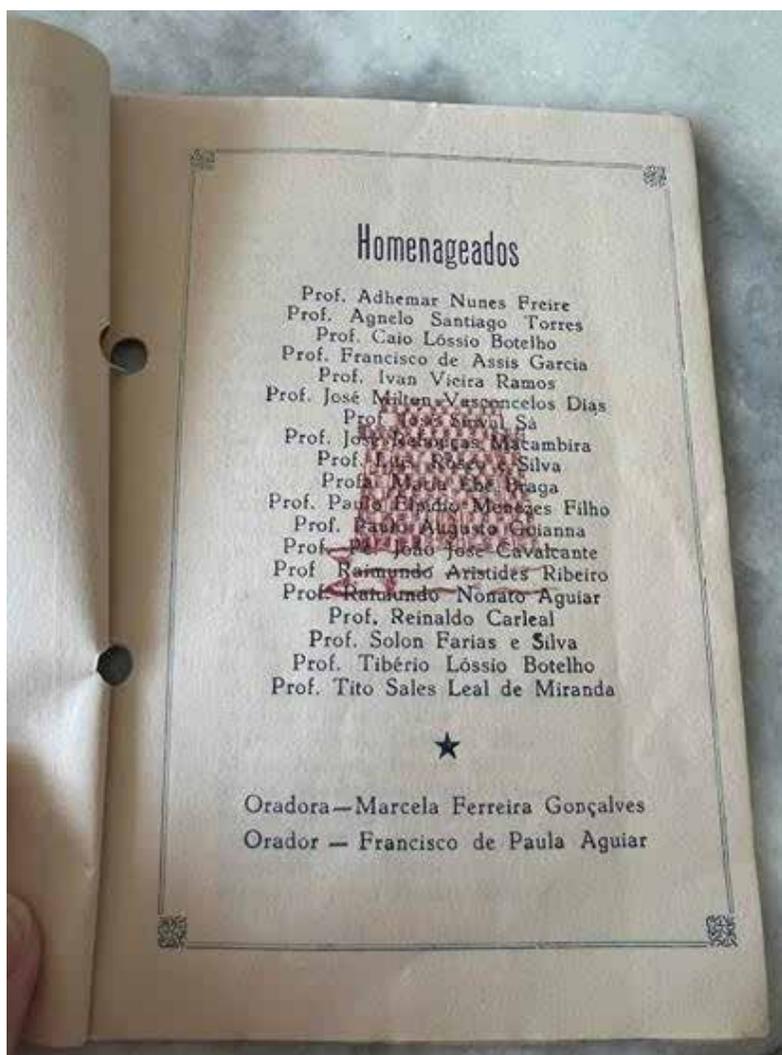
Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 15 – Comissão.



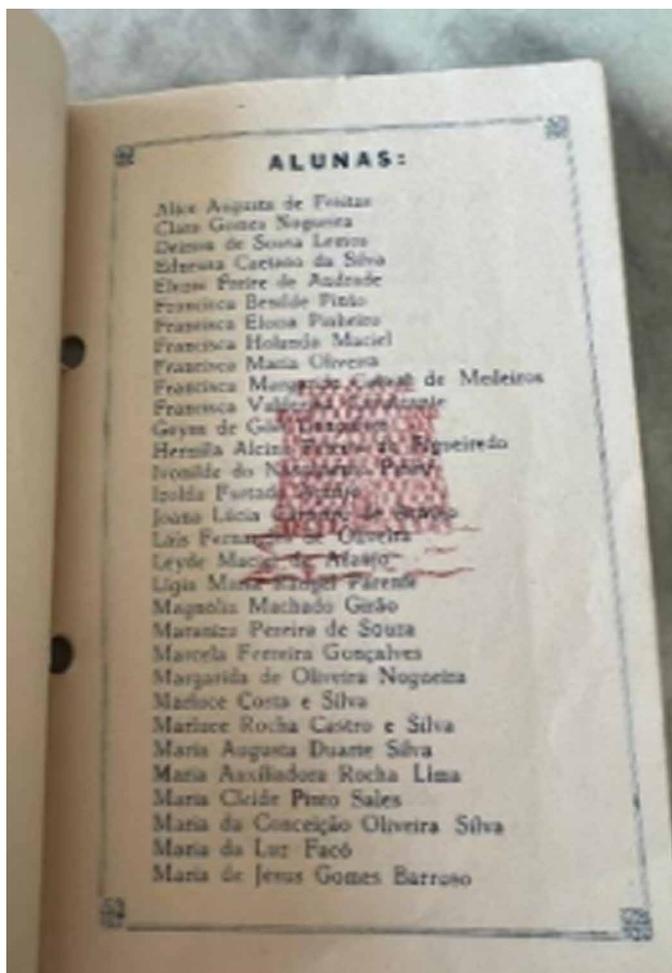
Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 16 – Homenageados.



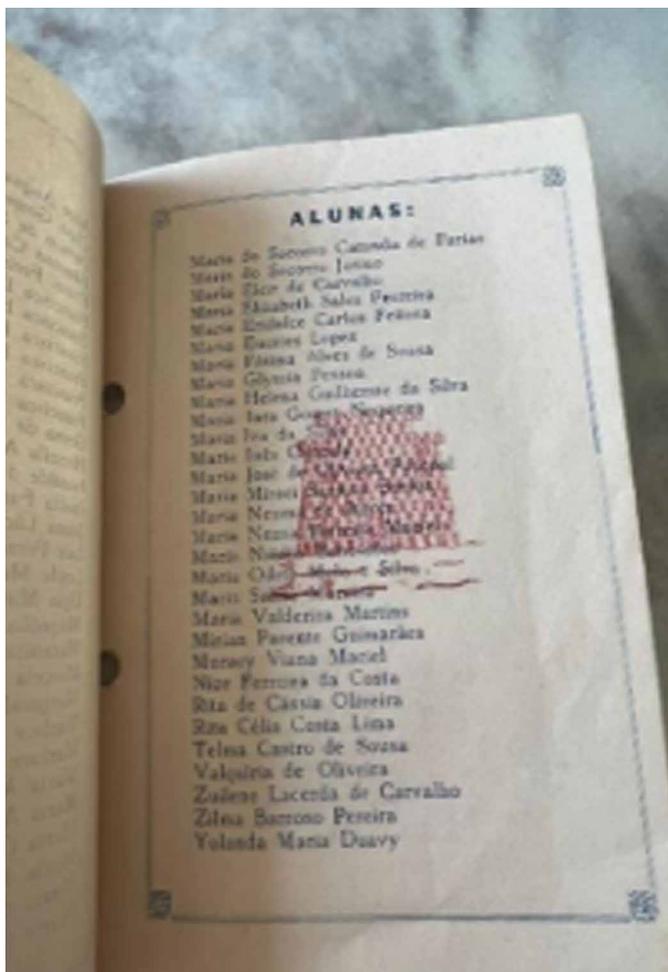
Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 17 – Alunas. Página do convite da turma:
Patrono: Dr. Cláudio Martins Presidente da
comissão Organizadora: Eluzai Freire.
Lista de alunas e alunos concludentes em 1958.



Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 18 – Alunas. Página do convite da turma:
 Patrono: Dr. Cláudio Martins Presidente da
 comissão Organizadora: Eluzai Freire.
 Lista de alunas e alunos concludentes em 1958.



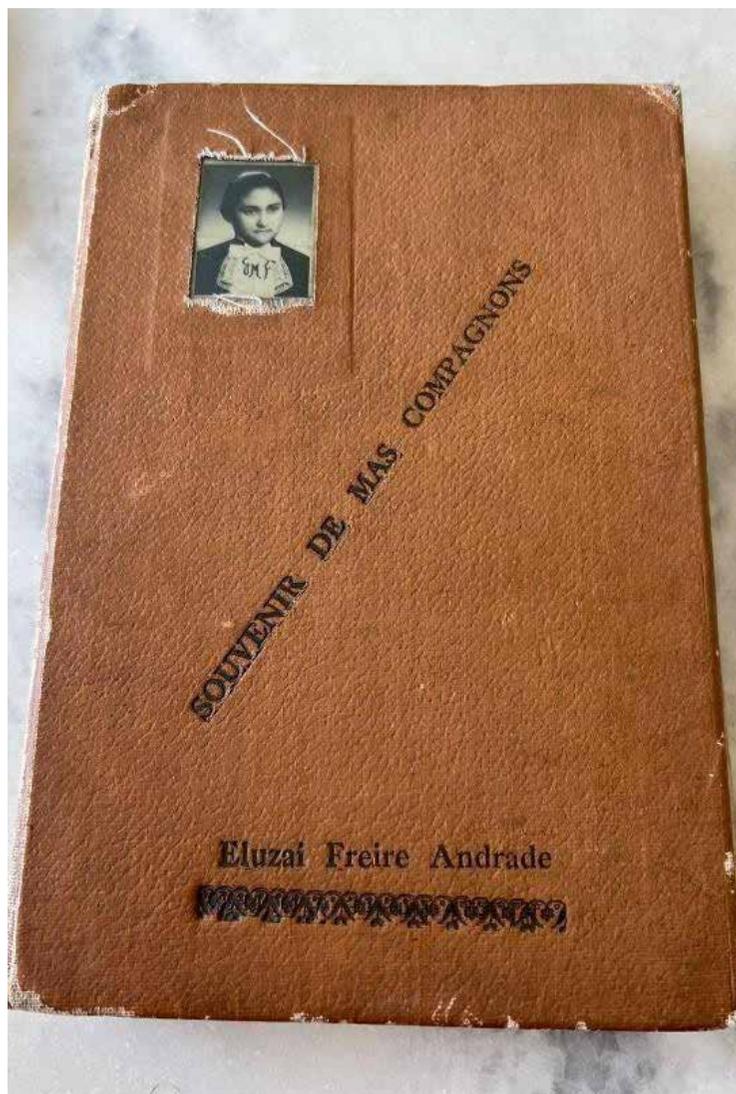
Fonte: acervo Eluzai Freire.

O foco não deve ser o de buscar o que se perdeu, mas procurar o que pode renascer nesse novo presente. De acordo com Ecléia Bosi, lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças. Nesse movimento, Eluzai continua suas narrativas;

Bem, lá era tudo muito bonito, os móveis coloniais, tudo muito organizado. Tinha uma Biblioteca muito bonita. Eles não gostavam que a gente ficasse nas grades da frente da escadaria pelo lado de fora, quando terminava as aulas, as vezes a gente ficava na praça, depois íamos para a sorveteria, era um clima muito bom, éramos todas criadas com princípios cristãos. Nossa turma tinha 40 meninas. Era apenas uma turma, não tinha turma A ou B, era única. Na hora do recreio nós descíamos, ficávamos passeando pelo prédio que era muito lindo, ficávamos conversando. Nós éramos conscientes que tudo que tinha ali era pra gente e que tínhamos que aproveitar tudo dos professores. Tínhamos provas escrita

e oral. A oral, ia uma por uma na mesa do professor responder as perguntas, sentava ao lado dele, se quisesse sentar, e respondia as perguntas. Não tínhamos punição nem castigos. Eu queria fazer medicina, já tinha em Fortaleza a faculdade, mas era muito difícil o vestibular. Depois do ginásio tinha mais 3 anos de colegial, nessa época a gente terminava com mais idade o ginásio e só com 21 anos terminávamos o colegial e podia tentar o vestibular. Mas lá não tinha colegial, a gente tinha que ir para outro colégio. Mas aí eu me mudei pra São Paulo. Mas o Ginásio está na minha memória do melhor tempo da minha vida.

Figura 20 – Capa do Souvenir da presidente da comissão organizadora Eluzai Freire.



Fonte: acervo Eluzai Freire.

Figura 21 – Detalhe.



Fonte: acervo Eluzai Freire.

Assim finalizamos as narrativas de Eluzai com muita nostalgia e emoção, daremos continuidade com sua amiga e contemporânea Marcela Ferreira Gonçalves, que foi Oradora da turma na colação de grau em 1958. Marcela mora no Rio de Janeiro há mais de seis décadas, e ainda mantém contato com Eluzai e Maria Helena. Deixou suas lembranças materiais do tempo do ginásio em Fortaleza, mas perdeu tudo por conta de acidentes naturais nos documentos. Eluzai forneceu algumas de suas fotos para registrar esses momentos de Marcela. Começamos nosso momento de narrações assim:

Eu terminei esse curso em 1958, estou no Rio há 57 anos e perdi todo o meu material do tempo do ginásio, tive muita pena porque pedi muita coisa. Mas o que tenho de lembrança do Ginásio é que ele foi criado na gestão do prefeito Paulo Cabral de Araújo, em 1951 e ele começou apenas com a 1ª série ginásial, as garotas na parte da tarde e os meninos de manhã. No ano seguinte foi criado o 2º ano e assim sucessivamente até o 4º ano que foi a primeira turma que terminou em 1954. Eu entrei

em 1955. Ele tinha também um curso de preparação que ficava na Duque de Caxias, esse curso era exclusivo do Municipal. O Ginásio era muito bem equipado, ele tinha muitas coisas boas, era bonito, tinha salas muito confortáveis, era muito bom! Tínhamos uma Biblioteca muito bem montada, tínhamos muitos livros, é tanto, que nessa biblioteca eu li a obra de José de Alencar quase toda, eles tinham muitos livros de escritores nacionais e tinha também uma sala de ciências humanas muito bem montada e lembro-me que no terceiro ano ginásial, lá nessa sala tinha um esqueleto, tinha um boneco de gesso que a gente chamava ele de Esfolado, porque a gente tirava todas as peças dele e ia montando, tirávamos os músculos, a cabeça, o cérebro e isso era uma coisamuito boa que facilitava muito o aprendizado e a equipe de professores era uma das melhores da cidade, eles eram todos ótimos e a grande maioria deles, iam com a gente do primeiro ao quarto ano, com raríssimas exceções isso mudava. (...)

Abaixo um registro raro desse tempo tão especial,

Figura 22 – Um raro registro. Da esquerda para direita, na primeira fileira de baixo para cima, a segunda da esquerda para direita, é Marcela, a segunda da segunda fileira, da direita para esquerda é Eluzai. Acima, de paletó escuro, é o professor de Ciências e médico Públio Lopes Filho. De blusa branca é o professor de Desenho, Solón Faria Silva e entre os professores a colega Magnólia e de paletó branco é o Secretário Alexandre.



Fonte: acervo Eluzai Freire.

Nessa construção de fontes ou documentos que subsidiam o registro de lembranças e esquecimentos da memória sobre um outro tempo, a partir de narrativas entre-

cortadas por emoções do passado, ressignificadas pelas emoções presentificadas, vamos reconstituindo a história do Ginásio por meio de vozes que vão entrecruzando a trajetória de quem viveu esse processo histórico, hoje narrado por vozes que nos fazem compreender por outros ângulos e outros olhares os detalhes de como era a educação e a sociedade desse tempo aqui estudado. Marcela nos narra ainda:

O professor de Matemática era uma sumidade, o Adroaldo Castelo Branco, o nosso professor de Desenho era muito bom. Uma equipe muito boa. Outra coisa interessante, é que quando o ginásio foi fundado ele tinha um orientador pedagógico, e foi o primeiro ginásio que teve essa função, e depois os outros colégios foram tendo também. Na nossa época, cada turma tinha uma Inspetora, que as vezes a gente chamava de Bedel, ela era encarregada da turma, ela distribuía nossas cadernetas, era ela quem ficava na sala quando o professor não estava, ela era quem tomava conta da turma, se alguém passava mal

era quem levava remédio, todos os anos as vezes trocavam, mas elas eram pessoas próprias para o cargo, não eram pessoas grosseiras nem ranzinzas, elas todas eram muito afá veis, era uma coisa muito boa. O ginásio tinha um Grêmio que fazia muitos eventos, então todo mundo se conhecia, pelo menos na parte da tarde que era as meninas todo mundo se conhecia da primeira a quarta série. E também conhecíamos os meninos por conta dos eventos, tinham muitos piqueniques, e tudo isso sob a orientação da diretoria e professoras, por que a gente fazia esses piqueniques fora da cidade, geralmente em sítios e havia danças, um monte de coisas, então havia um conagraçamento muito bom.

Para Delgado (2006), as dinâmicas das trajetórias individuais e coletivas se dão em diferentes dimensões de tempo. O tempo não é linear, mas torna-se volátil na lembrança, que por muitas vezes é intermitente, agindo como preterizador do presente ou presentifi-

cador do passado. Com as narrativas construimos as fontes históricas das pesquisas, muitas vezes nesse diálogo ora individual ora coletivo de um tempo ainda vivo nas recordações. Assim, Marcela nos rememora um tempo áureo e de imensa felicidade:

O Ginásio era uma grande família, mas infelizmente eu não tenho material que me reporte a esse tempo. A gente vai ficando velha e vai esquecendo muita coisa, mas ainda hoje tenho amigas que foi daquele tempo. Pena que eu vim embora pro Rio, mas sempre que vou a Fortaleza eu encontro gente daquele tempo, então o ginásio foi uma coisa muito boa na vida de todos nós porque ele nos ensinou a amar as pessoas. Nós tínhamos também um Coral muito bom que era dirigido pelo Maestro Orlando Leite e com esse Coral a gente se apresentou algumas vezes em festas da cidade mesmo, eu lembro que a gente se apresentou no Teatro José de Alencar algumas vezes, quando chegava alguma autoridade na cidade a gente era convidado para se apresentar e

lembro que quando o Arcebispo de Fortaleza daquela época recebeu a chave da cidade de Fortaleza e o título de cidadão fortalezense, foi o nosso coral que foi cantar para o bispo, ainda me lembro da música, era Becês, ms era uma música muito linda e foi uma coisa muito boa. Depois o Ginásio se mudou dali e eu não tive mais notícias dele, eu não sei nem se ele acabou, mas acho que ele não pode ter acabado, pois ele é do município.

Figura 23 – Frente do Ginásio Municipal de Fortaleza.



Fonte: foto disponível em:
<https://cearanahistoria.blogspot.com/>.
Acesso em: 16 jan. 2025.

A aluna Arianisnia Firmeza Mota, mais conhecida como Arizinha, chegou ao Ginásio no ano em que o mesmo se transforma em Colégio Municipal, já na sede na Avenida dos Expedicionários, onde o mesmo permanece até hoje, sendo Escola Municipal de Tempo Integral Filgueiras Lima. A aluna cursou o Ginásial (1^a a 4^a série) e o Científico (1^o e 2^o ano), de 1966 a 1971, em 1972 casou-se e não cursou a faculdade, optando pela vida de dona de casa, mãe e esposa. Ela inicia seu processo de rememoração assim:

Eu entrei na primeira série ginásial, naquela época era assim, eu estudei lá até o científico, tinha o normal também, mas eu fiz o científico. Então eu fiz a primeira série, segunda série, terceira série e quarta série do ginásial e o primeiro ano e segundo ano do científico e o terceiro eu fui para o Lourenço Filho, para me preparar para o vestibular, mas aí eu casei em 72 e desisti da faculdade. (...) eu saí do Santa Maria Goreti no meio do ano da primeira série ginásial para o Municipal, quando eu cheguei lá muita gente se admirou, pois eu vinha de um colégio particular,

eu achei que ia ser bem tranquilo porque o Maria Goreti era bem puxado, pensei que ia levar na brincadeira [risos da autora], mas era um colégio muito bem organizado, na época que estudei lá, era época de ditadura né, o diretor que era o Rubão, e ele era militar, então era uma disciplina bem rigorosa. O vice, era o Jeová, acho que ele não existe mais...

Carinhosamente, o Ginásio era chamado pelo corpo discente e docente de Municipal. Podemos perceber nessa primeira fala da ex-aluna Arizinha, que o ensino secundário era dividido em Ginásial e Científico e que o mesmo tinha a duração total de 7 (sete) anos e que a instituição seguia o rigor e a disciplina que a época exigia. Arizinha continua:

Eu era muito danada, lá no Maria Goreti eu já era danada e lá continuei, mas lá no Municipal eu vivia na diretoria, por que lá era bem rigoroso mesmo. Quando eu passei pro primeiro científico, na farda tinha umas estrelinhas, no primeiro era uma estrelinha, no segundo eram duas... o que eu

fazia era tirar a estrelinha, quando eu via que a quarta série do ginásial ia sair mais cedo, aí tirava minha estrelinha para sair com a turma, mas nunca deu certo, tentei fazer várias vezes, mas o Jeová ficou me conhecendo, ficava atento na hora da saída. Minha turma ficou bem conhecida por conta das danações, mas quando eu fui sair de lá o Jeová disse que ia sentir saudade de mim. [risos]. Pela manhã era só homem, a tarde só mulher e a noite era misto, a noite era mais para quem trabalhava. As fardas tinham que ser impecáveis, coisa que você hoje não vê nos colégios, o professor entrava em sala de aula todos os alunos se levantavam em respeito ao professor e aí ele quem mandava a gente sentar, era um respeito muito grande que se tinha.

Édouard Glissant, em sua Introdução a uma Poética da Diversidade, fala da ideia de “lugares comuns”, neles um pensamento do mundo encontra outro pensamento do mundo, quando ele fala da totalidade-mundo explicitando que a literatura pro-

vêm de um lugar. Isso é interessante por que percebemos as vivências e relações que se estabeleceram no Ginásio Municipal, nas recordações de quem viveu um tempo e uma época. Arizinha nos lembra da amiga Janete, que conheceu lá no ginásio e que até hoje são amigas.

Naquela época quando era prova, eu me admirava, eles faziam provas A e B, pra não ter pesca, as provas eram diferentes. Eu passei mesmo me arrastando, eu gostava muito de brincar, a Janete era mais estudiosa. Mas foi um dos colégios que eu mais gostei, por que eu estudei a vida toda em colégio de irmãs, meu pai nem queria que eu tivesse saído de lá, mas como eu tinha uma tia que trabalhava na secretaria, ela convenceu meu pai a me colocar lá, eu e meu irmão que estudava à noite e ficou só minha irmã mais velha na escola particular, por que eu e meu irmão não éramos muitos estudiosos. Mas para passar lá, a gente teve que fazer prova, eu tive que estudar mesmo, era difícil passar lá. Então é isso que

me recordo. Na hora do recreio eu gostava muito, porque eles colocavam música e isso era uma maravilha. Eu era da turma que gostava mais de brincar. Era eu e mais cinco, eles chamavam a gente de igrejinha, por que a gente gostava de se danar. Era uma disciplina, a Janete sabe disso. Era um colégio muito bom, tinha ele e o Liceu do Ceará, eram os dois colégios daqui muito conhecidos, tinha também a escola normal. (...) eu passo lá em frente me dá uma saudade, mas o prédio está tão acabado.

Para Paul Thompson, o estudo dos relatos orais discute a documentação viva, ainda não aprisionada pela linguagem escrita e incorpora visões subjetivas, sentimentos e observações dos indivíduos. A finalidade social da História requer uma compreensão do passado que direta ou indiretamente se relaciona com o presente, o que fica claro na rememoração dos indivíduos. Por meio das lembranças, as vezes, contínuas, as vezes segmentadas, lineares ou não, é possível fazer com que as lembranças sejam revisitadas, ocorrendo assim a releitura das vozes

da memória. Assim, Arizinha encerra suas lembranças, com narrativas saudosas:

No colégio de freira a saia tinha que ser abaixo do joelho, eu pensei que lá no Municipal, no dia em que eu fiz a minha farda eu coloquei acima do joelho, quando eu cheguei lá, na mesma hora eu fui chamada atenção, eu pensei: nossaaa, estou em outro colégio de freira. Eu achava que lá eu pudesse ser totalmente liberta, mas não fui. (...) Eu lembro de um professor de matemática, eu não lembro o nome dele, mas ele me chamava muita atenção porque ele tinha um olho verde e o outro amarelado, era tanta menina apaixonada por esse professor porque ele era muito lindo, mas ele era bem rígido e muito respeitador, hoje tá uma bagunça, professor não respeita aluno, aluno não respeita professor, eu fico besta. Na minha época todos os alunos com sapatos, meias, era todo mundo muito arrumadinho. Ah se pudesse voltar a escola que era o Municipal, o Liceu e a Escola Normal... você

terminando num colégio desse era igual terminar numa federal hoje. (...) no tempo que eu estudei lá eu adorei aquele colégio, apesar que ele não era liberal, mas a gente tinha mais acesso aos professores, os professores brincavam mais com os alunos, não era tão rígido como no colégio de freira, mas se pegasse conversando, eles mandavam se levantar e faziam arguição, pra ver se a gente estava prestando atenção as aulas. Eu acho que professor era pra ser tão respeitado até hoje.

Arizinha não tem mais nenhum registro físico da época, mas suas memórias nos fazem perceber que a escola é uma instituição que marca a vida do ser humano aprendente e, que aquela época o Municipal, mesmo sendo mais novo que as outras Instituições escolares , estava no mesmo nível e relevância que os outros tinham.

O Ginásio, seguia os mesmos padrões de excelência, de disciplina, de corpo docente, de rigor, de currículo e de infraestrutura que os demais pelo estado e pelo país, marcando assim a época de ouro do ensino público

fortalezense e sendo pioneiro na oferta de ensino municipal.

Transportar as vozes do passado no presente nos oferece um futuro com memórias, sejam elas individuais e coletivas. A ação de lembrar está inserida nas diversas possibilidades de registrar o passado, a partir do qual as identidades são construídas e retratadas de forma dinâmica, relacionando-se a inserção social e histórica de cada ator(a) narrador(a) nos processos culturais e comportamentais e hábitos coletivos.

Nossa segunda voz é da ex-aluna Janete Girão, contemporânea e amiga da primeira narradora. Janete, entrou em 1966, o último ano da Instituição ainda como Ginásio Municipal de Fortaleza, quando deu início ao seu curso ginásial no turno da tarde de 1966 a 1969 e Normal noturno, com três anos de duração, de 1970 a 1972. Assim ela inicia:

Eu não lembro de muita coisa não, eu entrei em 66, ainda como Ginásio Municipal. Então eu fiz o ginásio em 66 a 69 e quando eu terminei o Normal, em 72, já era Colégio Municipal Filgueiras Lima. Eu lembro demais das fardas, a penúltima farda era uma sainha cáqui e uma blusa branca, mas não me lembro

de nenhum nome de professores, a minha memória é ruim. (...) das amigas tem Arizinha, Estelinha e a Geraldina. [risos coletivos]. Eu lembro de uma prova que eu fiz, eu acho que era Sociologia, a professora achava que eu ia pescar, mas eu tirei um 10. Pra mim, a ditadura, o tempo da escola, foi meio indiferente, parece que eu nasci em berço esplêndido, sem problema nenhum, nunca me preocupei com nada, era só estudar, voltar pra casa, namorar, dançar e aí não me preocupava com essa questão de política. [risos].

O tempo da memória vai além do tempo de vida do ser humano, apresentando as mais diversas experiências consolidadas ao longo de diferentes tempos. Por isso, dizemos que os tempos são variáveis e essa variedade não apenas aparecerá, como interferirá nos documentos produzidos.

Os lapsos de memória também são normais. Não existe uma narrativa que seja completa. Em certo momento o ouvinte pára e o narrador pára, mas a história continua tanto na cabeça do ouvinte como na cabeça do narrador. E assim continuamos com nossa narradora:

Eu nunca tive queixas de professores, gostava de todos, a de Sociologia era muito exigente. Lá era muito organizado. Tinha um professor que a gente conversava muito com ele, mas eu não lembro o nome dele. Não podia ficar muito tempo no pátio. Na sala de aula, a gente passava muito bilhete umas pras outras, porque não podia ficar conversando. Eu não lembro de muita coisa não, mas no geral era muito bom.

Figura 24 – Colégio Municipal Filgueiras Lima – 1969.
Janet é a última, da direita para a esquerda.



Fonte: acervo Janet Girão.

Figura 25 – Colégio Municipal Filgueiras Lima.
Conclusão do curso Colegial Normal – 1972.



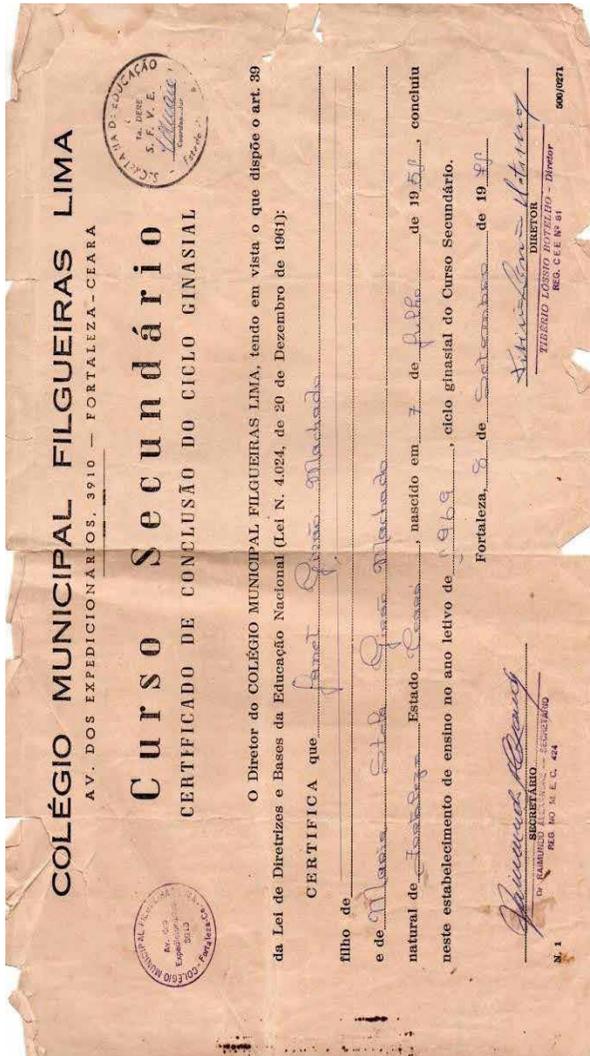
Fonte: acervo Janet Girão.

Figura 26 – Parte da turma. Janet Girão é a
segunda da esquerda para direita.



Fonte: acervo Janet Girão.

Figura 27 – Certificado de conclusão do curso ginásial – 1969.



Fonte: acervo Janet Girão.

A voz que narrará seu período no Municipal é a do fotógrafo Jacques Martins Antunes, de Itapiuna, município do Ceará. Seu início na Instituição, marca também a mudança da sede do Casarão Jeremias Arruda para a sede própria na Avenida dos Expedicionários, nº 1910, em 1966, agora com o nome de Colégio Municipal Filgueiras Lima. Assim Jacques inicia sua lembrança acerca desse fato:

A minha memória é péssima. Eu fiz o exame de admissão no último ano em que ele esteve naquela praça, na Praça do Carmo, não estudei lá, fiz o exame de admissão, e eu fui da primeira turma da primeira série do colégio do Montese, estudei lá até o segundo ano do científico, fiquei lá por 6 anos. Eu terminei em 72. Que eu me lembro, o primeiro diretor era o Rubão, era também professor de português, usava uma bata branca. O primeiro professor que eu me lembro assim, era o padre [...] não me lembro o nome do padre, mas ele marcou, porque toda vez que a gente dizia: -Padre vai chover! Ele saía correndo pra cobrir o fusquinha dele, por isso me lembro

dele. Ele ensinava História. Tinha também os professores Tibério e Caio, um deles virou diretor. Minha turma tinha uns 40 alunos... tínhamos duas professoras apenas, uma era de Inglês, não me lembro o nome dela, e a outra era a de Artes, ela era casada com o professor de Educação Física, o Pintado, ele era goleiro do Ceará, mas o nome dele mesmo era Adhemar Freitas e o filho deles era da nossa turma, o Adhemarzinho.

Figura 28 – Foto da carteirinha de 1972. Frente.



Fonte: acervo Jacques Antunes.

Figura 29 – Foto da carteirinha de 1972. Verso.



Fonte: acervo Jacques Antunes

O narrar submete a singularidade de interpretação do tempo por meio da linguagem, necessária à comunicação e à transmissão de saberes através das gerações. O narrar pressupõe uma racionalidade que lhe é própria, como uma estrutura cognitiva de transmissão de saberes. Na ideia de Rusein (2015), o pensamento histórico, em todas as suas formas e versões, está condicionado por um determinado procedimento mental de o homem interpretar a si mesmo e a seu mundo: a narrativa de uma história. Narrar

é uma prática cultural de interpretação no tempo, antropologicamente universal. Assim, Jacques permeia suas lembranças, interpretando seu tempo de estudante:

A estrutura do colégio era em formato de U, como era os colégios de antigamente, não só colégios, como hospitais e internatos tinham esse formato, até os quartéis. Outra coisa que me vem a memória, foi a campanha que a gente fez lá pra construção da quadra, pois lá não tinha quadra pra gente jogar futebol de salão. Eu era do Grêmio, não me lembro o nome do presidente do Grêmio à época, acho era Euler ou Eumer e fizemos uma campanha boa, todo o colégio participou, o município não tinha verba e a quadra foi construída pelos alunos, tinha os pais de alunos que tinham mais grana e doavam cimento, tijolo. Antigamente podia. A quadra está lá até hoje. Em relação às regras do colégio, era como se fosse militar, tanto era que a farda parecia com fardamento de soldado, era um tecido grosso. Quando íamos pra fila

da chamada para entrar na sala de aula, aqui e acolá um aluno desmaiava de calor. A farda era quente, a mesma coisa da polícia militar do Ceará.

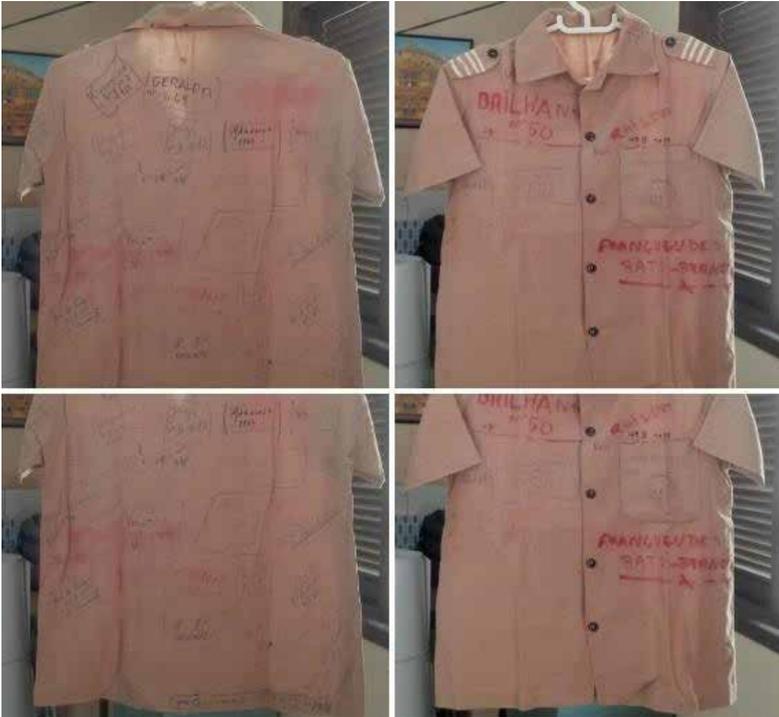
Assim, a reconstituição do tempo mediante a narrativa é um constructo das três dimensões temporais (passado, presente e futuro) expressas no ato da fala ou da escrita, e percebemos essa movimentação quando escutamos as lembranças de outros, ora aqui, na voz de Jacques ainda:

Não tinha merenda escolar gratuita, ou levava ou comprava na cantina. Então, as regras eram militares, por exemplo, cabelo grande não podia, eu não gostava de cabelo raspado, foi indo e aceitaram meu cabelo que não era raspado, eles queriam que todos raspassem do lado os cabelos. Nas salas não tinha mulheres, era só homens.

As carteiras já eram nesse modelo comum de hoje, com o braço de lado, nesse aspecto era moderno, tinha ventilador de teto. No espaço aberto tinha coquei-

ros, areia... Como era época de ditadura, os professores seguiam o sistema, não tinha concurso público, os professores eram indicados. Os livros eram comprados todo ano, mas havia as trocas de livros. O ato mais político que teve foi essa campanha pra fazer a quadra. Tinha a marcha do 7 de setembro, mas eu nunca fui, era regra, mas eu nunca fui, tínhamos pouca liberdade, mas não tivemos nem ato traumático dentro da escola não. Não tinha contestação. Nunca fizemos greve. Os professores que ensinavam lá, ensinavam no colégio militar, no Liceu, era tudo organizado. Tinha o porteiro que era gente boa demais, as vezes a gente chegava atrasado e ele deixava a gente passar. Tinha a Inspetora, que sempre passava nas salas de aula, esqueci o nome dela. Eu tenho uma camisa autografada por quase todos da turma. Não tenho fotos, naquela época quem tinha câmera fotográfica era milionário.

Figura 30 – Blusa assinada.



Fonte: acervo Jacques Antunes.

Ainda nas lembranças de Jaques,

Eu saí no segundo ano do científico, fui para o cursinho do Farias Brito. Lembro do meu quase chará que era o Jacson, era o gênio da turma, sabia tudo. Foi a mesma turma do primeiro ano

do ginásial até o quarto. Eu lembro da disciplina de OSPB, artes plásticas, e todas as normais. As que eu mais gostava era Português e História. Saí em 72.

Com registros do fotógrafo Jacques, constatamos que a arte de contar e transmitir as histórias é uma constante antropológica no processo temporal da comunicação humana. Seja ela escrita, seja oral, ou mesmo através de figuras, sendo lembrada pelas práticas memorialistas, a substância do passado precisa fazer algum sentido prático para aqueles que dele se apossam. De posse dessas lembranças, vamos registrando e reconstituindo a história do Ginásio Municipal de Fortaleza e do recorte temporário aqui proposto.

Paul Thompson, disse que “A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo”. Com as narrativas de ex- alunas e alunos do Ginásio Municipal, podemos perceber que as identidades estão sempre em curso, e é na relação tempo/espaço que se tensiona a memória que almeja conhecer as referências fun-

damentais do passado. Nossa última voz é da professora de história Cizânia Veras, que chega ao Colégio Municipal Filgueiras Lima, em 1970.

Eu comecei a estudar no Colégio no ano de 1970, ainda existia a seleção para poder entrar no colégio, no começo de janeiro ou fevereiro, quando eu entrei ainda era com a nomenclatura de 1º, 2º, 3º e 4º Ginásial, em 72, mudou. (...) era um colégio considerado bem seletivo mesmo, com uma educação muito boa, justa, era severa, mas a gente tinha carinho pelos professores, havia muito respeito e a gente já trazia essa bagagem de respeito de casa, então não foi nada difícil pra gente entrar lá, embora lá parecesse até um colégio militar. Fui conhecendo os colegas, os professores muito atenciosos. Quando eu entrei em 70, foi feita a primeira turma mista pela manhã, por que a tarde continuou sendo só meninas e a noite era misto também, se eu não me engano, porque já era para adultos.

O colégio era muito grande, muito limpo, muito bem cuidado, muito bem zelado. As salas eram amplas, bem iluminadas, as salas eram excelentes. Era muito aluno por turma, 40 ou 50 por turma, mas a sala ficava bem à vontade pra gente. A questão dos professores, dos primeiros que eu gostei foram o de História e o de Geografia, e foi até a faculdade que eu fiz, História. Ele foi até meu padrinho de casamento, o professor Aluísio Pereira Filho que ensinava história. E lembro do professor Renato Aragão que era irmão professor Tibério que era diretor, eles eram gêmeos. A gente tinha muito respeito por todos. Tinha também o professor de educação física que era o Edmilson Filho, nós tínhamos aula de Educação moral e cívica, que eu achava o máximo, de Artes, de Música e isso tudo era maravilhoso. A nossa aula de Educação Física era no turno da tarde que era para os meninos não verem as meninas só de roupa de educação física, era muito engraçado (risos). Nossa farda era uma

saia cáqui justa abaixo do joelho e uma blusa branca de algodão. Na época de São João, as festas juninas tinha quadrilhas, era muito animado e muito bonito. Tínhamos também os jogos, que até hoje existem nos colégios, eu fazia parte da seleção de handbol e de atletismo também, a gente saia para competir com outros colégios, como o Liceu.

Figura 31 – Municipalistas. Cizânia é a primeira da direita para esquerda, com os livros na mão. Ao centro, o professor de história, Padre João José. A casinha ao fundo, era do zelador da escola.



Fonte: acervo Cizânia Veras.

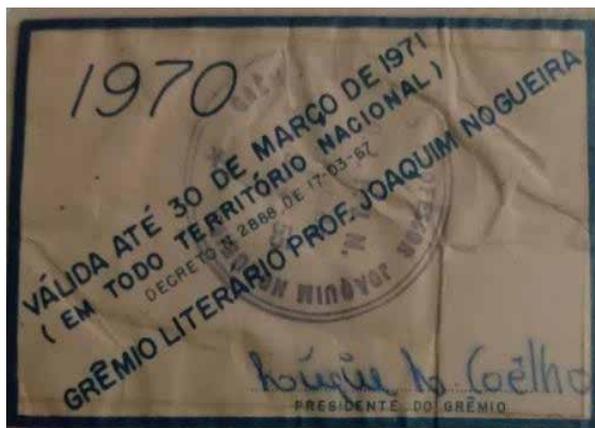
Para Paul Ricoeur, o verbo “lembrar” está sempre relacionado ao substantivo “lembrança”, uma vez que o filósofo francês apresenta a memória como sendo pragmática, isso significa que ela deverá ser exercitada, ou seja, não apenas lembrar o que passou, mas fazer alguma coisa em relação a essa lembrança. Nessa esteira, “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, “fazer” alguma coisa”. Nessas buscas Cizânia rememora com muito humor e saudosimo sua época de municipalista contando:

Figura 32 – Carteira Cizânia – 1970
(Grêmio Literário Professor Joaquim Nogueira). Frente.



Fonte: acervo Cizânia Veras.

Figura 33 – Carteira Cizânia – 1970
(Grêmio Literário Professor Joaquim Nogueira). Verso.



Fonte: acervo Cizânia Veras.

Figura 34 – Ficha Escolar 1ª Série.

COLÉGIO MUNICIPAL FILGUEIRAS LIMA

FICHA ESCOLAR



TURNO MANHÃ
1ª SÉRIE "A" - Nº 10

MOD. 1

Aluno(a) CIZANIA VERAS RODRIGUES

Filiação José Vicente Rodrigues
e Floriza Ferreira Veras

Ass. do Aluno(a) Cizânia Veras

Ass. do Responsável José Vicente Rodrigues

Secretário

Diretor

Fonte: acervo Cizânia Veras.

Figura 35 – Ficha Escolar 2ª Série.

COLÉGIO MUNICIPAL FILGUEIRAS LIMA

FICHA ESCOLAR



TURNO *Manhã*

2ª Série "A" N: 10

MOD. 1

Aluno(a) *Cizânia V. Rodrigues*

Filiação *João Vicente Rodrigues*
Floriza Ferreira Det. 3

Ass. do Aluno(a) *Cizânia Veras*

Ass. do Responsável *[Signature]*

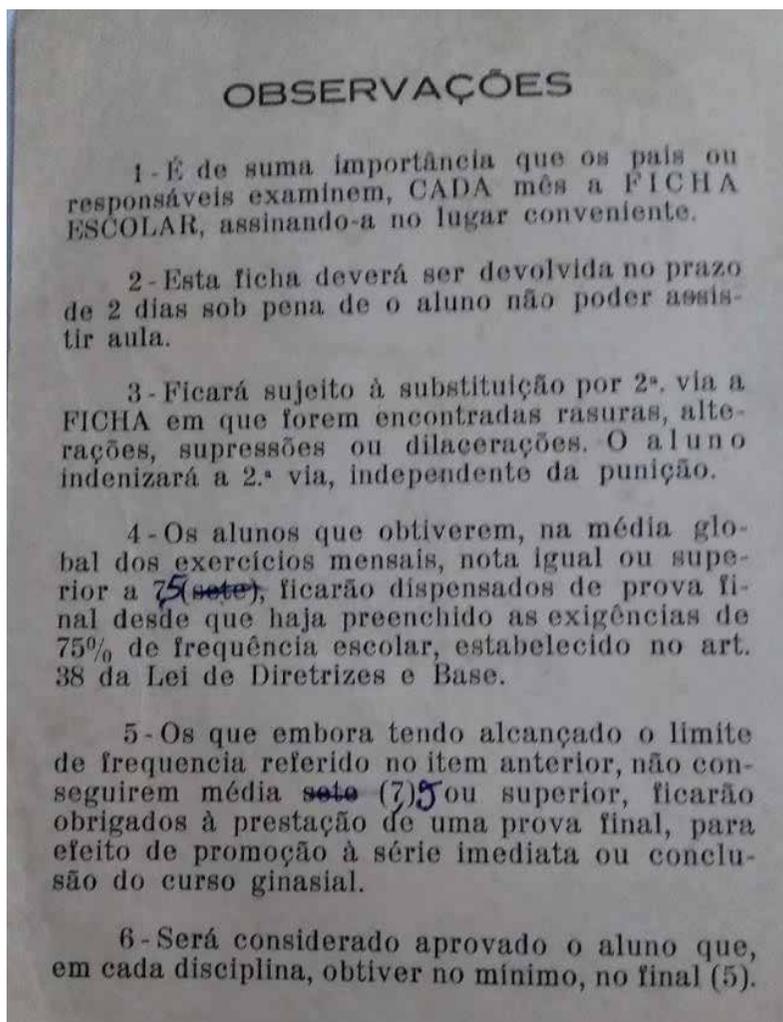
Secretário

Sembrar o futuro

Director

Fonte: acervo Cizânia Veras.

Figura 36 – Observações do verso da ficha escolar.



Fonte: acervo Cizânia Veras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando sem concluir, o ensino secundário no Brasil é produto da missão da Companhia de Jesus no Brasil, fruto das experimentações das políticas colonizadoras e com isso, heranças educacionais com representações centradas na Europa. A priori, um modelo francês, datado ainda de 1530, os colégios parisienses que se dividiam em classes, inventadas pelos Irmãos da Vida Comunal, seus superiores são os “principais”, seus horários e disciplinas estão definidos e os estudantes aprendem latim e grego para ler e explicar os principais autores. Este conjunto de elementos, denominado *modus parisiensis*, serve de modelo tanto para os colégios jesuítas, quanto para os colégios protestantes (Viguerie, s/d, p. 277-278).

Essa época, como explica Petitat, é marcada pela passagem de um programa centrado na lógica e na dialética para um programa voltado para o estudo das belas-letas. A pedagogia do colégio é fundada na escrita. “No micromundo dos colégios exercitava-se o poder moderno mediante uma organização burocrática similar à que vai se constituindo no século XVI, em que

a ascensão do Estado liquida a autonomia dos senhores e das cidades”. (Petitat, 1992, p. 144-146).

Pela Europa, esse modelo de colégio se espalhava pela ação dos jesuítas e de suas regras curriculares explicitadas e difundidas pelo Ratio Studiorum, que apresentava um método moderno de ensino para época e gratuitos, criados pelos conselhos das cidades, porém a nem toda a juventude tinha como se manter nas cidades, mesmo com a oferta do colégio público. Sendo assim, os mesmos só eram frequentados pelos filhos dos pequenos comerciantes ou artesãos, que viam essa chance como forma de ascensão social. “O compromisso dos colégios com a juventude era elevá-la à piedade, aos bons costumes e às letras humanas” (Viguerie, s/d, p. 285-287).

Podemos perceber que a pesquisa nos mostra que, em relação ao ensino secundário, no momento histórico analisado, observamos que a política vigente era a Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, período que Vargas estava no poder. A mesma nos mostra a divisão do curso em dois ciclos e outras demandas. O ensino secundário era dividido em dois ciclos, o primeiro ginásial, com duração de quatro anos, e o segundo, com dois cursos paralelos, deno-

minados Clássico e Científico, com duração de três anos. A referida legislação não apontava obrigatoriedade e nem a gratuidade do ensino secundário. O ensino secundário estava em processo de expansão, porém não era para todos.

A Constituição de 1946, manifestou apenas a obrigatoriedade para o ensino primário e a assistência a alunos necessitados, como mostra o Artigo 172: “Cada sistema de ensino terá obrigatoriamente serviços de assistência educacional que assegurem aos alunos necessitados condições de eficiência escolar.” (BRASIL, 1946). Ou seja, os alunos da classe trabalhadora só conseguiam usufruir do ensino secundário de maneira assistencialista.

Em 1959, quando o país aguardava a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais, período de intensos debates pelo Congresso Nacional, foi escrito o Manifesto dos Educadores Mais Uma Vez Convocados, seu principal signatário foi Fernando de Azevedo, que avultou sobre a Educação naquele momento histórico e manifestou sua opinião em relação ao ensino secundário que:

[...] atinge a 80% o ensino secundário entregue a particulares, – e daí exatamente decorre

toda a grave crise em que se debate esse grau de ensino no país. Onde, pois, como se vê, cumpriu o Estado com mais zelo os deveres que lhe impôs a Constituição, progrediu o ensino, – é a parte referente à educação fundamental e superior; e onde dele se descuidou, descarregando suas obrigações às costas de entidades privadas, como no caso do ensino secundário, é o que de pior se exertou no sistema geral de educação. (Azevedo, 2010).

Podemos perceber que o ensino secundário para a classe trabalhadora não era de interesse da União e nem de uma ampla maioria de parlamentares, por isso a iniciativa privada ganhou espaço e apoio político e se expandiu pelo país afora. Destarte, o manifesto criticava veementemente o desprezo dos entes federados para com as obrigações perante este referido grau de ensino.

Em dezembro de 1961, foi promulgada a Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a carta magna da educação, e nela o ensino médio passou a ter duas ramificações: a Secundária e a Técnica. Conforme aponta o seu Artigo 34,

“O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginásial e o colegial, e abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário”. (BRASIL, 1961) e que o exame de admissão continuava sendo obrigatório para que os alunos pudessem frequentar essa etapa do ensino.

Art. 36. O ingresso na primeira série do 1º ciclo dos cursos de ensino médio depende de aprovação em exame de admissão, em que fique demonstrada satisfatória educação primária, desde que o educando tenha onze anos completos ou venha a alcançar essa idade no correr do ano letivo. (Brasil, 1961).

Dessa forma, o ensino secundário ficou dividido da seguinte forma: “[...] § 1º O ciclo ginásial terá a duração de quatro séries anuais e o colegial, de três no mínimo”. (BRASIL, 1961). E o ensino técnico dividiu-se nos em três cursos: Industrial, Agrícola e Comercial, conforme pontuado no Artigo 49, que estabelece que os cursos Industrial, Agrícola e Comercial serão ministrados em dois ciclos: o ginásial, com a duração de

quatro anos, e o colegial, no mínimo de três anos”. (BRASIL, 1961).

A LDB também versava a respeito da organização e que a duração mínima era de cento e oitenta dias, não sendo incluído o tempo de provas e exames, vinte e quatro horas semanais de aula, formação moral e cívica, atividades complementares de iniciação artística, orientação educativa e vocacional, frequência obrigatória. A Lei normatizou como deveria ser organizado o ensino secundário e como as escolas deveriam se ajustar às novas regras do ensino.

Mesmo que o Manifesto dos Educadores, mais uma vez convocadores, defendesse o ensino secundário público, a lei não sofreu nenhuma alteração, e o ensino secundário, que passou a ter a nomenclatura de ensino médio, continuou sendo ofertado sem ser obrigatório.

Ainda quando das dificuldades enfrentadas por alunos provenientes da classe trabalhadora, dados mostra que o ensino médio cresceu ao longo dos anos, “em números absolutos cresceu de 581.600 em 1951 para 1.177.500 em 1960, em seus quantitativos de matrícula”. (ABREU, 1962). As escolas de ensino médio eram instituições urbanas, só as capitais dos estados tinham 45% de seus

estudantes. De acordo com Abreu (1962) em 1961, dos 2.907 municípios do país, 1.396 não possuíam ainda qualquer estabelecimento de ensino médio, e, dos 1.551 municípios onde havia a escola média, 1.022 a tinham, apenas, no primeiro ciclo.

O Ginásio Municipal de Fortaleza, foi criado nessa realidade nacional, porém, foi precursor na oferta desse grau de ensino na cidade de Fortaleza, uma vez que não havia autonomia direta dos municípios para tal oferta. Embora o Ginásio tenha sido gerado da ideia de um vereador, o mesmo era sócio proprietário de uma das maiores escolas privadas de Fortaleza e fica claro na fala do professor Edvar, que a mesma nasceu para que a escola particular não se prejudicasse em ter que ofertar tantas bolsas de ensino.

Nessa narração, também cabe outra observação, a de que a escola particular tinha um público que não poderia ou não deveria se agrupar com estudantes de classe social inferior, e que essa classe precisava de uma escola para absorver esse público que crescia significativamente. Então o vereador uniu o útil ao agradável e ainda foi o pioneiro dentre os parlamentares a criar a primeira Instituição de ensino secundário no âmbito municipal em Fortaleza.

Jayme Abreu, em seu estudo publicado em 1955, apresentou a preferência da demanda escolar do nível médio pelo ensino secundário através de quatro motivos básicos: era o ramo que desfrutava de maior prestígio como agência de ascensão social, pois, conforme dispunham as Leis Orgânicas, era destinado às individualidades condutoras, enquanto os demais destinavam-se às massas; era a mais acreditada agência de preparo para uma série de atividades em empregos e serviços semiqua- lificados; era o melhor caminho de acesso ao ensino superior; era, ao lado do ensino comercial, o menos exigente em custos (Abreu, 1961).

De forma bem geral mesmo, para poder- mos analisar esse período de expansão do ensino secundário em todo o país, para compreendermos como que tudo influen- ciou na criação do ginásio Municipal de Fortaleza, constatamos que a explicação para os problemas acarretados pela expan- são do ensino secundário nas zonas urba- nas mais ricas ficou prejudicada por partir do princípio de que a industrialização era sinônimo de progresso econômico-social, e que geraria mais ofertas de trabalho, que a renda aumentaria e, conseqüentemente, de

maior liberação do trabalho para a população infanto-juvenil.

Mas, diante de toda a pesquisa, podemos averiguar que a expansão do ensino secundário foi fruto das contradições da política populista e o atraso e a evasão dos alunos revelavam como as famílias viviam e que o esforço era grande para manter um filho no ensino secundário. Daqueles que conseguiam nele ingressar, 80% eram forçados a não prosseguir seus estudos e a exercer qualquer tipo de trabalho, a fim de aumentar os insuficientes orçamentos domésticos. Se, indiretamente, os altos índices de reprovação e evasão mostravam que a procura havia crescido, eram também evidência da frustração da crença familiar de que a privação econômica seria a cota de sacrifício temporária e necessária para a obtenção da ascensão social (Nunes, 1980).

Neste trabalho, destacou-se a Inspetoria Seccional de Fortaleza, dirigida por Lauro de Oliveira Lima, que criou alguns textos que foram transformados em instrumentos de trabalho nos vários seminários que o mesmo dirigiu no interior do Ceará e em vários outros Estados do Brasil. Mesmo sendo uma etapa educacional não obrigatória e gratuita, tida como elitizada, os números mostraram

que nesse momento histórico o país avançou no número de instituições, incluindo públicas e privadas, é bem verdade que as privadas eram maioria, e o número de matrículas nessa etapa educacional.

A ditadura que se iniciou em 1964, nos apresenta uma realidade de segmentação com relação ao ensino secundário de primeiro ciclo, entre outras, as metas de expansão das oportunidades educativas e de reformulação curricular. O alvo dessa política educacional de liberação, como denominou Luiz Antônio Cunha (1975), em estudo bastante conhecido, era o controle social.

Os novos ginásios criados sob o apoio do regime militar, denominados Ginásios Polivalentes, tinham como objetivo superar a dicotomia entre trabalho intelectual e manual, introduzindo práticas de trabalho ao lado de disciplinas de cultura geral. O novo regime tentava instituir a imagem de uma escola não-discriminatória, na qual a preparação técnica e ideológica se fizesse de acordo com o interesse das camadas que nela ingressavam.

A sistematização entre a educação geral e a formação especial era insatisfatória. Em consequência, esses ginásios tiveram sua proposta descaracterizada e voltaram ao

ensino tradicional (Carayon, 1987). Esperamos por cinco séculos para que o curso secundário se incorporasse definitivamente ao ensino fundamental. De 1993 a 1995, as escolas fundamentais brasileiras receberam um aumento de 450 mil alunos e, em 1998, havia aproximadamente 2.7 milhões de crianças fora da escola, sobretudo na região Nordeste. Quem tem acesso à escola fundamental ainda enfrenta o problema da evasão e da repetência (LEAL, 1998). Mas esses novos dados, ficarão para uma próxima pesquisa.

Em Fortaleza, como foi exposto nesta pesquisa, alguns dos principais fatos que marcaram o ensino secundário em nosso estado e na capital, podemos perceber pela linha cronológica da evolução da educação, que nossa realidade não ficou muito diferente das outras cidades. Desde o Período Imperial, com a Lei Geral de 25 de junho de 1831, foram criadas, as cadeiras de Filosofia Racional e Moral, Francês, Geometria e Retórica, mas que não aconteceram efetivamente por falta de professores.

Segundo Sousa (1961), o que havia era uma escola primária de elite, que preparara o homem com conhecimentos da cultura clássica e, posteriormente, para exer-

cer uma função pública e que só em 1935, durante a atuação do Padre Martiniano de Alencar como Presidente da Província, a situação do ensino no Ceará começaria a ganhar outros rumos. Antes, segundo Girão (1985), só tínhamos o Liceu que tornou-se a primeira instituição de ensino secundário no Ceará e a quarta do Brasil.

Até a década de 1940, quando foram criadas as Leis Orgânicas do Ensino, as reformas implantadas tentaram dar ao ensino secundário um sentido que fosse além do caráter preparatório, ou direcionavam o ensino à profissionalização ou ao curso superior que fosse escolhido, deixando claro que a educação secundária era uma área privilegiada e sua organização escolar era o meio eficaz para assegurar a tradição e consolidar a formação dos jovens que partiriam para o ensino acadêmico.

Evidenciamos, portanto, o caráter de seleção que é o pressuposto necessário de um ensino que se destinou a minorias e as futuras individualidades condutora, se efetivasse plenamente, bem menor teria sido o crescimento do ensino secundário. Antes de se ater a este aspecto, em si mesmo, o qual nos leva, realmente, à raiz dos problemas do ensino secundário, devemos acentu-

ar um outro que, de certo modo, constitui o seu reverso. Aumentou a procura do ensino secundário, mas, em resposta à demanda, cresceu também a oferta. Cresceu a matrícula, mas cresceu também o número de estabelecimentos de ensino secundário.

Mesmo com os esforços da administração federal em constituir o ensino secundário pelos meios legais que lhe eram postos às mãos, uma estrutura escolar voltada ao objetivo que se considerava próprio do ensino secundário, não foi suficiente para a demanda do período estudado. Baixou regulamentos destinados a prover os ginásios e colégios dos requisitos materiais necessários ao cumprimento de sua missão, procurou criar condições para que o exercício do magistério se estabelecesse profissionalmente, primeiro controlando o ingresso na profissão, depois criando escolas de formação, fixou processos de funcionamento. Doutrinou, regulamentou, fiscalizou. Houve momentos em que vacilou e houve momentos de fraqueza. De modo geral, no entanto, trabalhou. Mas, na verdade, não pôde executar a política que a coerência com a lei básica do ensino secundário exigia.

E podemos perceber que foi na ausência dessa política que o ensino secundário

cresceu. Cresceu por causa de seu prestígio e porque era um meio fácil de atender, mal ou bem, à maior exigência de educação formal para adolescentes. Cresceu como as condições objetivas o exigiam e como as mesmas condições o permitiam. Cresceu apesar de a finalidade que buscava, e a organização pela qual se pautava o tornarem impróprio para função real que era chamado a preencher. Cresceu renegando aquilo que, oficialmente, era o seu ideal.

Constatamos a existência de um Estado completamente racionalizado: suas funções, seus segmentos diversos, seus inúmeros departamentos do ramo educacional. Em meio à imensa racionalização estatal, a educação já não parecia portar a grandeza de outrora, o mesmo *status* de grande preocupação nacional, porque se pressupunha que um Estado racionalizado possuiria um montante de outras atividades diferenciadas para controlar, o que implicaria não se concentrar tão avidamente frente à educação. Mesmo o lema de Anísio Teixeira, “educar pouco, para educar bem”, parecia registrar que os tempos já não eram mais os mesmos.

Em Fortaleza, cidade do Ginásio Municipal, lócus dessa pesquisa, tínhamos de

oferta oficial apenas o Liceu do Ceará, instalado em 1845 e seu funcionamento a partir de 1846 e na década de 1950 o Ginásio Municipal, que surge no cenário público, para ampliar essa oferta do ensino secundário, mas já havia a oferta na rede privada de educação em Fortaleza, que se constituía em 80% em relação à rede pública.

O Ginásio funcionou de 1951 até 1962 com turmas únicas de meninos pela manhã e com turmas únicas de meninas a tarde. Em 1963, foi elevado à categoria de Colégio Municipal de Fortaleza, como já mencionada na pesquisa, e por conta dessa transformação ampliou o número de salas para meninas e meninos, mas não obtivemos números registrados dessas matrículas e, em 1966 transformado em Colégio Municipal Filgueiras Lima.

Desde a sua abertura, em 1846, até 1950, o Liceu pulou de 139 matriculados para 810 matrículas. Assim como nas demais principais cidades do país, cresce a partir de 1950 a procura pelo ensino secundário. Moreira de Sousa, em seu ensaio sobre o Sistema Educacional Cearense, que fez desde 1835 até 1959, nos mostra que, em 1955 foram criados 37 estabelecimentos novos de ensino secundário, em 1956, 7 em 1957, 5 em

1958, 12 em 1959, mais 9 estabelecimentos. Em Fortaleza, tínhamos 32 estabelecimentos de ensino para esse grau, mas apenas 2 eram oficiais, o Liceu e o Ginásio Municipal, com um número total de matrículas em Fortaleza de 12.030 alunos.

Pela pesquisa ora desenvolvida, podemos perceber que, de qualquer modo, a evolução quantitativa e qualitativa do ensino secundário em Fortaleza, concebido na forma em que a sua legislação o concebe, com a maior oferta na rede privada e a menor na rede pública com apenas duas escolas oficiais na capital, o ensino secundário foi, pedagogicamente, um tipo de ensino seletivo, destinado a escolher e formar a minoria.

De outro lado, ao conceito pedagógico de ensino seletivo corresponde à ideia de um ensino ajustado especificamente a uma determinada situação de classe, ainda que as ideias democráticas exigiam que servisse a ele, também, de mecanismo pelo qual os nascidos em outras classes, que não aquela que toma como ponto principal de referência, a esta possam ascender. Isto, no entanto, não excluía a ideia da finalidade socialmente seletiva de tal ensino secundário.

Pelas vozes da pesquisa, constatamos também que, para o corpo discente do Gi-

násio Municipal até o Colégio Municipal Filgueiras Lima, a oferta do ensino secundário era algo de moderno, e que da forma que nasceu, numa edificação que passava a ideia de grandioso, seletivo, de difícil acesso por ter que enfrentar exame de admissão, era realmente uma oportunidade única, principalmente para as meninas.

Podemos evidenciar pelas vozes, principalmente na primeira década de sua criação, que tudo era fabuloso, unânime e renovador da instrução pública agora no mesmo patamar de igualdade com o Liceu, porém, não se fazia nenhuma relação com a realidade da cidade e do Estado, pois se atendia um número muito pequeno de estudantes que podiam estar ali, mas os que não podiam, por onde andavam e como se encaixavam nessa sociedade em ebulição?

De fato, o Ginásio Municipal de Fortaleza, representou a abertura da autonomia da escola pública municipal, e nasceu grande, vistoso, pomposo, com uma equipe de renomados professores que, em sua maioria, eram médicos, advogados, jornalistas e letrados, nomes da sociedade cearense da época e com uma visão de que ser professor era a profissão de grande *status* social à época e que a clientela urbana atendida,

já era uma categoria educada dentro dos valores da época.

Nesse momento histórico, a escola secundária de Fortaleza tinha um público homogêneo e quase todos criados dentro dos mesmos valores. Percebemos que, nas décadas seguintes à da criação do ginásio, houve uma expansão da oferta pública mínima, depositada ainda nas mesmas instituições públicas, o Liceu e o Ginásio transformado em Colégio, para absorver o outro ciclo, o colegial, ou científico, ou normal, com os mesmos discentes e com os poucos novatos que podiam fazer parte dessas instituições ainda por meio de teste de seleção.

Não percebemos, na pesquisa, a ascensão do Ensino Secundário heterogêneo, como esperava Lourenço Filho, aqui no Ceará e, particularmente, em Fortaleza. Essa expansão geográfica e estrutural ocorreu décadas depois. Pelo nosso recorte temporal, percebemos que esse foi o período áureo desse grau de ensino, e quem teve acesso a ele, pode se recordar de um tempo que foi muito bom, com excelentes professores e com escolas modernas que atendiam as expectativas (para essa categoria selecionada) da realidade que não foi explicitada para maioria de quem viveu esse apogeu do ensino secundário em Fortaleza.

Pelas vozes da pesquisa aqui apresentada, conseguimos mostrar como se deu o processo de criação e evolução do ensino secundário em Fortaleza por meio do Ginásio Municipal de Fortaleza, e dentro dessa realidade de lócus e de algumas das figuras ilustres que fizeram parte dessa época, conseguimos responder as questões iniciais da pesquisa, cumprindo com o teor científico de trazer vozes como fontes históricas dialogando com a Legislação vigente e com o aporte teórico que a pesquisa exigia.

A maior dificuldade encontrada foi em relação às fontes documentais, que nos órgãos públicos que deveriam manter a história dessa instituição em registros, cadernos, diários, regimentos, dentre outros, não foi possível encontrar senão com o acervo pessoal das/os narradoras/es que deram a veraz vida às fontes históricas palpáveis e que, assim como eu, carregam a tristeza de não termos uma cidade que se preocupe com a manutenção de sua história.

ANEXO – FOTOS

Foto 1 – Fachada do Palacete Jeremias Arruda.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 2 – Lateral do Palacete. Vista das sacadas.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 3 – Piso da sacada principal do palacete, com o ano de construção da casa e as iniciais J.A.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 4 – Corredor principal do andar de cima do Palacete.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 5 – Auditório do palacete que serviu para o Ginásio Municipal.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 6 – Corredor de acesso às salas,
que no Ginásio se transformaram em sala de aula.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 7 – Modelo de sala de aula mantida para visitação.



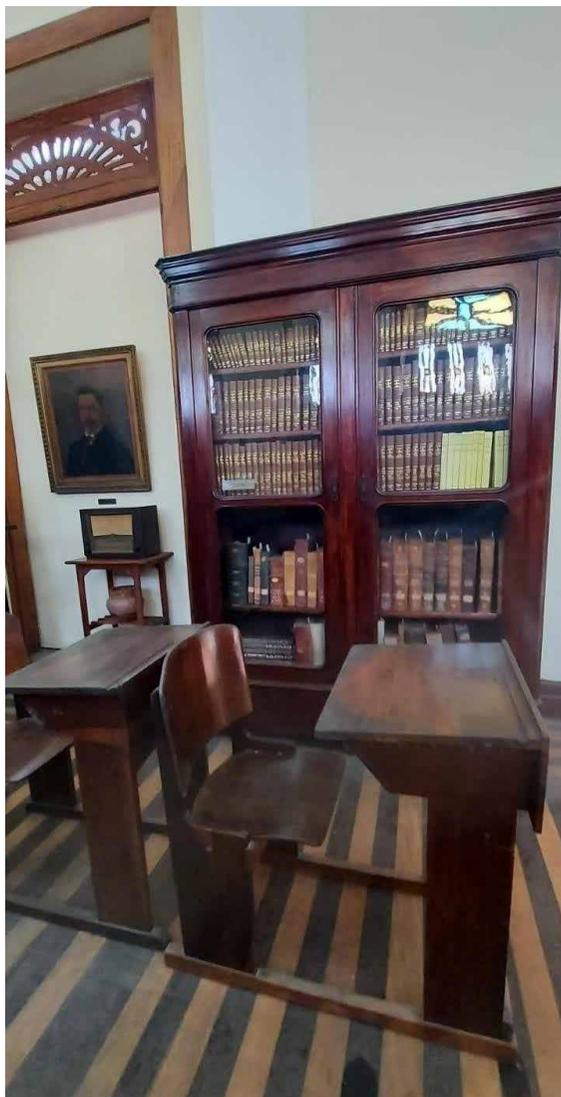
Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 8 – Pesquisadora Erbenia,
à mesa da sala de aula.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 9 – Detalhe da sala de aula.



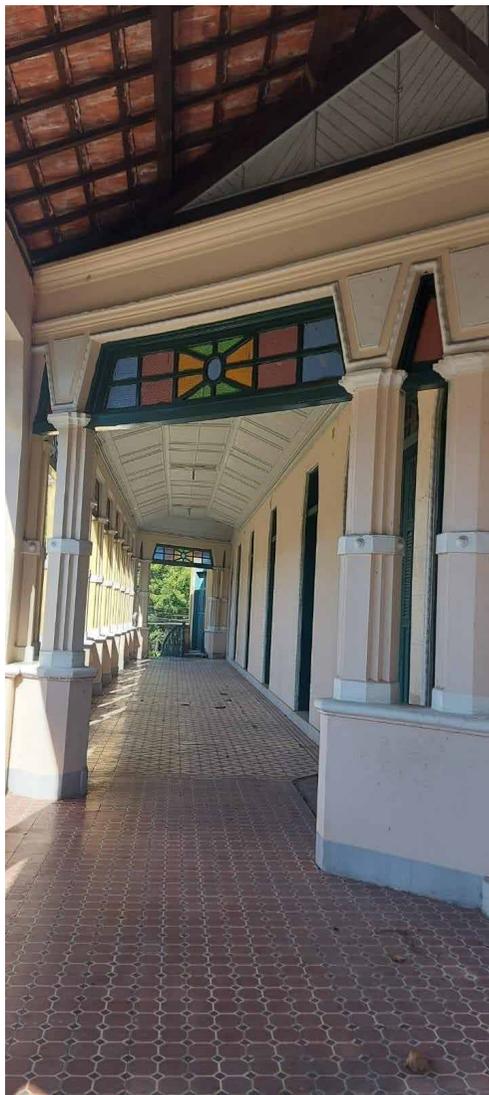
Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 10 – Sala de reunião, que abrigou a sala dos professores à época do Ginásio Municipal.



Fonte: Instituto do Ceará.

Foto 11 – Corredor do andar de cima.



Fonte: Instituto do Ceará.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jayme (1961). **Escola média do século XX**. Um novo fator em busca de caminhos. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos Rio de Janeiro, v. 36, n. 83, p. 5-26, jun./set.

ANDRADE, Francisco Ari de. A institucionalização da educação pública no Brasil: a experiência da Província do Ceará (1834-1844). **Cadernos de Educação**, Fortaleza, n.1, 2010.

AZEVEDO, F. de. *et. al.* **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

BARROS, José D'Assunção. História das Ideias. Em torno de um domínio Historiográfico. **Revista de História**, Juiz de Fora, v.13, n.1, p.199-209, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória de Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz - Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil** (DE 18 DE SETEMBRO DE 1946). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao46.htm Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brazil**. Carta de lei de 25 de março de 1824. Rio de Janeiro. Secretaria de Estado dos negócios do Império do Brazil, 1824. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em janeiro de 2019.

BRASIL. **Decreto nº 16.782 A de 13 de janeiro de 1925**. In: VIEIRA, Sofia Lerche. (org). Leis de reforma da educação no Brasil: Império e República. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

BRASIL. **Decreto-Lei n. 4.244 – de 9 de abril de 1942**. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fon->

tes_escritas/5_Gov_Vargas/decretolei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%20Elrio.htm Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. **Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil**. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (de 16 de julho de 1934). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao34.htm. Acesso em: 16 set. 2019.

BRASIL. **Estatísticas do século XX**. Rio de Janeiro, IBGE, 2003.

BRASIL. **Lei nº 024, de 20 de Dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. MEC/INEP, (1955a). **Campanha de inquéritos e levantamentos do ensino médio e elementar (CILEME)**. Rio de Janeiro, n. 9.

CARAYON, Elza Marie Petruceli, (1987). **A educação para o trabalho no ensino de**

primeiro grau: em busca de sua gênese. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas/Instituto de Estudos Avançados em Educação.

CASTELO, P. A. História da Instrução da Educação do Ceará. Capítulo I. **Revista do Instituto do Ceará.** Ano LVI, 1942, p. 91-101.

CASTELO, P. A. História da Instrução da Educação do Ceará. Capítulo II. **Revista do Instituto do Ceará.** Ano LVII, 1943, p. 52-70.

CASTELO, P. A. História da instrução e da educação do Ceará: bolsa de estudos. **Revista do Instituto do Ceará.** Ano LXXVI, 1962, p. 102-114.

CEARÁ. **Lei Nº 2.763, de 12 de novembro de 1929.** Coleção das Leis do Estado do Ceará do ano de 1929. Fortaleza: Typ: Moderna, 1929 (Setor de Microfilmagem da BPPMP).

CEARÁ. **Regulamento da Instrução primária do Estado do Ceará,** de 13 de março de 1905. In: VIEIRA, Sofia Lerche. (org). Documentos de política educacional no Ceará: Império e República. Volume 3. Brasília: Ins-

tituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira,2006.(Coleção Documentos da Educação Brasileira)

CEARÁ. Regulamento da organização da instrução pública primária. Fortaleza, 1873. In: VIEIRA, Sofia Lerche e FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Documentos de política educacional no Ceará: Império e República colaboração : Delane Lima Nogueira ... [et al.]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. (Coleção Documentos da Educação Brasileira).

CEARÁ. Regimento Orgânico da Instrução Pública e Particular da Província do Ceará. Fortaleza, 1881. In: VIEIRA, Sofia Lerche e FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Documentos de política educacional no Ceará: Império e República colaboração : Delane Lima Nogueira ... [et al.]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

CEARENSE, N° 3, ano XLV, de 8 de janeiro de 1891. JORNAL DO CEARÁ, N° 22, ano I, de 25 de abril de 1904. **O Nordeste**, N°

778, ano III, de 27 de janeiro de 1925. N° 1.022, ano III, de 27 de novembro de 1925. CUNHA, Luiz Antonio, (1975). **Educação e desenvolvimento social no Brasil Rio de Janeiro**, Francisco Alves.

CUNHA, Nádia, (1965). **Currículo ginásial secundário no Brasil depois da LDB**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 294-308, out./dez.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo e identidades**. Belo

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza: BNT. ETENE, 1985.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Thompson, 2005.

INEP. **Brasileira de Estudos Pedagógicos.**
– v. 38, n. 88 p. 33-35, out./dez. 1962.

INEP. **Leis de reforma da educação no Brasil: Império e República.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008a. (Coleção Documentos da Educação Brasileira.

LEAL, Maria Cristina Leal. **Educação brasileira nos anos 90.** A busca da adequação à ordem social globalizada. Ensaio Rio de Janeiro, n. 20, p. 385-404, jul./set.

LIMA, Lauro de Oliveira. **A escola secundária moderna:** organização, métodos e processos. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Alguns Elementos para estudo dos problemas do ensino secundário.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. – v. 14, n. 40, p. 79-97, set./dez. 1950.

NUNES, Clarice, (1980a). **Escola & dependência:** o ensino secundário e a manutenção da ordem. Rio de Janeiro: Achiamé

PETITAT, André. **Entre história e sociologia**. Uma perspectiva construtivista aplicada à emergência dos colégios e da burguesia. Teoria e Educação, Porto Alegre, n. 6, p. 138-150, 1992.

Uma nova história do Ceará. 4ª edição. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. **População dos municípios do Ceará**. Recenseamento de 1920. Ano XXXVI, 1922, p. 495-497.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro. *In*: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. *In*: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SEDUC. **A educação nas Constituições:** Brasil e Ceará. Fortaleza, CE:SEDUC/CEC, 2007a. (Coleção Base Legal, v.1).

SEDUC. **Ementário da legislação educacional do Ceará.** Fortaleza, CE:SEDUC/CEC, 2007b. (Coleção Base Legal, v.4).

SILVA, Geraldo Bastos. **Estudos de Educação Secundário.** - Fatores e Conseqüências. Expansão do Ensino Secundário Brasileiro. Revista do Serviço Público - Junho - 1959.

SOUZA,S. (coord.) **História do Ceará.** 2ª edição.Fortaleza:Demócrito Rocha,1994.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Lições da escola primária.** In: SAVIANI, D.; ALMEIDA, J. S.; SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Lições da escola primária.** In: SAVIANI, Dermeval (*et. al.*). O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização.** A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:** ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TEÓFILO, Rodolfo. **Violência:** Liceu do Ceará. Fortaleza: SECULT, 2005. Edição fac - símile.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981. VECHIA, Ariclê. O Ensino Secundário no século XIX: instruindo as elites. *In:* BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. **Histórias e memórias da educação no Brasil.**

vol. II: Século XIX. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, S. L. FARIAS, I. S. **História da Educação no Ceará:** sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

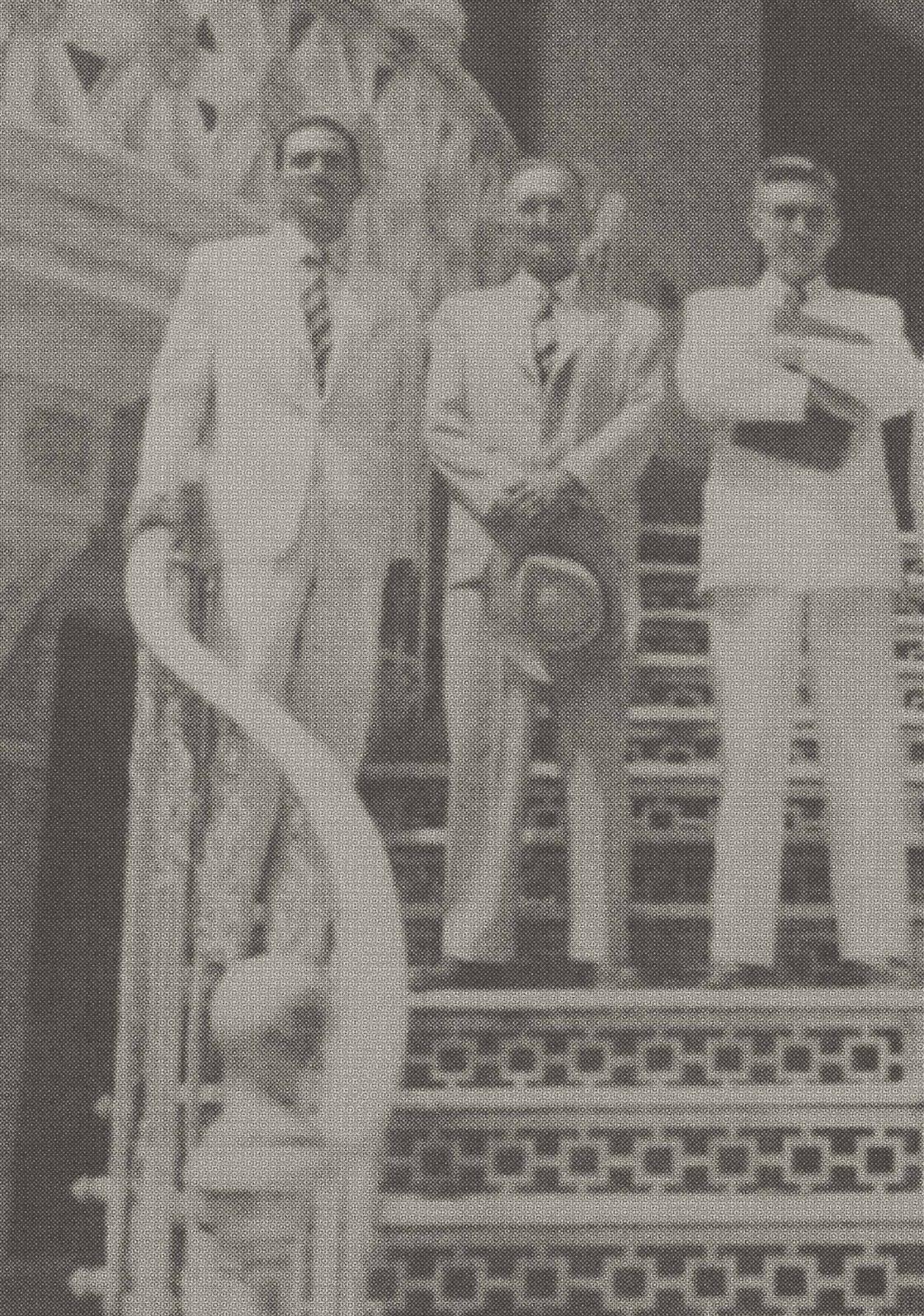
VIEIRA, S. L. FARIAS, I. S. **Política educacional no Brasil:** introdução histórica. Brasília: Plano Editora, 2003.

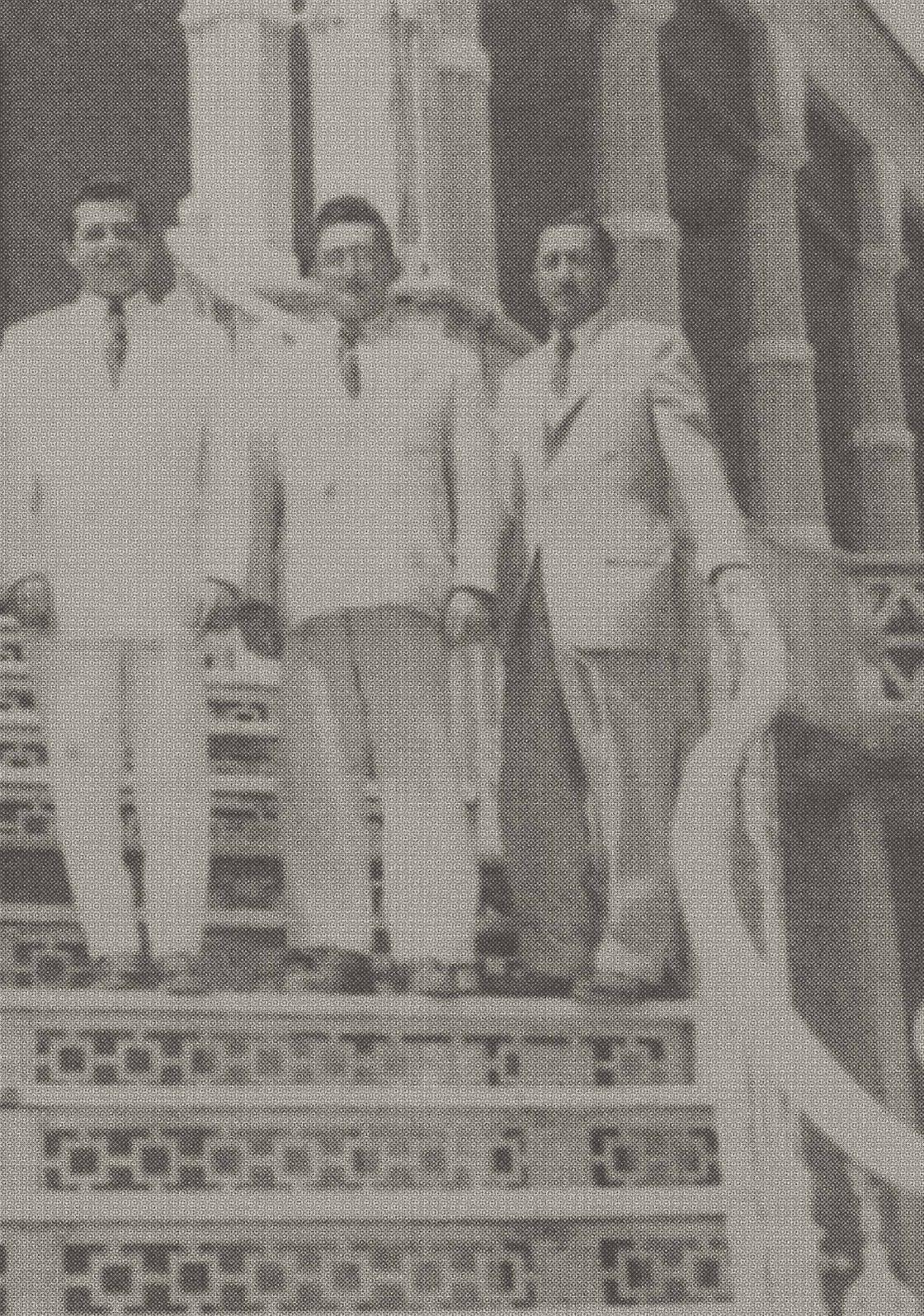
VIEIRA, S. L. FARIAS, I. S. **Documentos de política educacional no Ceará**: Império e República. 4 Volumes. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira, 2006a. (Coleção Documentos da Educação Brasileira).

VIEIRA, Sofia Lerche. Lei nº 1.953, de 2 de agosto de 1922. In: VIEIRA, Sofia Lerche. (org). **Documentos de política educacional no Ceará**: Império e República. Volume 3. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira, 2006. (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

VIEIRA, Sofia Lerche. Regulamento da Instrução pública de 1922. In: VIEIRA, Sofia Lerche. (org). **Documentos de política educacional no Ceará**: Império e República. Volume 3. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira, 2006. (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

VIGUERIE, Jean, (s/d). **Os colégios em França**. In: VIDAL, Jean e MIALARET, Gaston. História mundial da educação Lisboa: Rés Editora Ltda.







ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações